

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

GISLENE LIMA CARVALHO

UNIDADES FRASEOLÓGICAS NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA
ESTRANGEIRA: OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

FORTALEZA
2011

GISLENE LIMA CARVALHO

UNIDADES FRASEOLÓGICAS NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA
ESTRANGEIRA: OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientadora Prof. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.

FORTALEZA
2011

C323u Carvalho, Gislene Lima
Unidades Fraseológicas no ensino de português língua estrangeira : os últimos serão os primeiros. – 2011.
125 f.: il., enc.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin
Área de concentração: Linguística Aplicada
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2011.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Falantes estrangeiros 2. Livros didáticos – Análise I. Monteiro-Plantin, Rosemeire Selma (Orient.) II. Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título

CDD 418.0071

GISLENE LIMA CARVALHO

UNIDADES FRASEOLÓGICAS NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA
ESTRANGEIRA: OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientador Prof. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dra. Maria Luisa Ortíz Alvarez (1º examinadora)
Universidade de Brasília - UNB

Prof. Dra. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista (2º examinadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin (Suplente)
Universidade Federal do Ceará - UFC

A minha mãe, heroína incomparável.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me guiado por este caminho e ter me permitido chegar até aqui.

A minha mãe, Irene, que sempre acreditou em mim e me apoiou em todas as decisões, mesmo quando não parecia a mais acertada.

A minha orientadora, Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, que, muitas vezes, me acalmou com suas palavras e me puxou a orelha quando se fez necessário.

À FUNCAP pelo apoio financeiro em parte de meu caminho.

Aos meus sobrinhos que compreenderam os momentos que precisei me isolar para estudar e escrever, em especial ao Gustavo que me ensinou que é possível ter concentração mesmo ouvindo choro de criança e músicas infantis.

Ao companheiro inseparável, Leonildo, por ter paciência em me ouvir falar tanto sobre unidades fraseológicas e pelos finais de semana concedidos a este trabalho.

Aos professores do PPGL que fizeram observações importantes e indicaram textos necessários para que este trabalho fosse realizado, em especial às professoras Ana Célia Clementino Moura, pela motivação. Ana Cristina Pelosi pelos textos cedidos. Eulália Fraga Leurquin, que esteve sempre presente nessa jornada. Maria Elias pela contribuição com suas observações sempre pontuais.

Às professoras Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista e Maria Luiza Ortíz Alvarez por aceitarem compor a banca, colaborando com preciosas sugestões para este trabalho.

Aos meus amigos que torceram por mim desde a graduação e a todos os outros que Deus pôs em meu caminho ao longo do tempo, sempre me apoiando e torcendo.

À grande família Carvalho (pai, irmãos e sobrinhos) pelo apoio imensurável e pela qual tenho feito tudo o que faço.

Aos meus alunos que me mostram a cada dia que fiz a escolha certa.

“A identidade constrói-se obrigatoriamente na alteridade, na convivência do “eu” e do “outro”, idêntico (enquanto ser humano) e diferente (quanto à raça, à crença, à cor, à língua..., mas também à personalidade, aos gostos...). A identidade deve pois ser vista como uma nova realidade emergente das sociedades modernas, que se deve centrar na humanidade.”

(Guilhermina Jorge)

RESUMO

Língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas também manifestação da cultura de um povo, estando estes dois conceitos – língua e cultura - diretamente relacionados. Com base nisso, nesta dissertação verificamos o tratamento dispensado a determinados elementos da língua que estão relacionados à cultura, em livros didáticos de PLE. Estas expressões são denominadas Unidades Fraseológicas (UF) e são formadas por duas ou mais palavras. Caracterizam-se, dentre outras coisas, por apresentarem certa fixação e convencionalidade. O conhecimento destas expressões é de fundamental importância para a comunicação, visto que são utilizadas constantemente por falantes nativos de uma língua e não seguem regras sistemáticas. Após a leitura da Literatura sobre o tema, foram traçadas as categorias: fórmulas de rotina, colocações, provérbios e expressões idiomáticas. Foram selecionados nove livros didáticos de português para falantes de outras línguas. Na análise dos livros didáticos selecionados, procedemos a um levantamento das UF contempladas, dentro das categorias estabelecidas. Analisamos, também, as atividades propostas para cada categoria, bem como, sua relevância para que se ultrapasse o uso ingênuo da língua (Fillmore, 1979). A análise nos revelou que as UF estão presentes nesses livros didáticos, porém de forma assistemática. As fórmulas de rotina são as mais contempladas, especialmente nos livros destinados ao nível básico. Em seguida, estão as colocações, provérbios e expressões idiomáticas. No entanto, a forma como estas UF são abordadas ainda é muito superficial e não colabora para um aprendizado efetivo e aprendizagem destas por parte do estudante. Este resultado nos leva a concluir que estas expressões ainda não ocupam um lugar de destaque no ensino de línguas. No entanto, são de suma importância para o desenvolvimento da competência comunicativa efetiva em língua estrangeira.

Palavras-chave: Unidades Fraseológicas. PLE. Cultura. Livro didático.

RESUMEN

La lengua no es solo un instrumento de comunicación, es también una de las manifestaciones de cultura de un pueblo, estando, pues, estos conceptos – lengua y cultura - directamente relacionados. Con eso, en esta disertación verificamos el tratamiento dispensado a determinados elementos del lenguaje relacionados con la cultura, en los libros didácticos de PLE. Estas expresiones son denominadas unidades fraseológicas (UF) y son formadas por dos o más elementos. Se caracterizan, entre otras cosas, por su fijación y convencionalidad. El conocimiento de estas expresiones es fundamentalmente importante para la comunicación, ya que son utilizadas constantemente por los hablantes nativos de una lengua y no siguen reglas sistemáticas. Después de la lectura acerca del tema, se trazaron las categorías: fórmulas rutinarias, colocaciones, proverbios y expresiones idiomáticas. Se analizaron libros didácticos de portugués para hablantes de otras lenguas. En el análisis de los libros seleccionados, procedemos a la exploración de las UF que se presentan, dentro de las categorías establecidas y al análisis también de las actividades propuestas para cada categoría, así como su importancia para el uso de la lengua. El análisis nos reveló que las UF están presentes en los libros, aunque de forma no sistemática. Las fórmulas rutinarias son las que más aparecen, especialmente en los libros dedicados al nivel básico. A continuación, están las colocaciones, los proverbios y las expresiones idiomáticas. Sin embargo, la forma como son tratadas aún es muy superficial lo cual no contribuye para un aprendizaje efectivo de estas unidades fraseológicas por parte del estudiante. Este resultado nos lleva a concluir que estas expresiones todavía no ocupan un sitio destacado en la enseñanza de lenguas, aunque sean extremadamente importantes para el desarrollo de la competencia comunicativa y efectiva en lengua extranjera.

Palabras-clave: Unidades fraseológicas. PLE. Cultura. Libro didáctico.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRALIN	Associação Brasileira de Linguística
AIPL	Associação Internacional de Língua Portuguesa
APL	Associação Portuguesa de Linguística
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
EI	Expressão idiomática
FR	Fórmulas de rotina
L2	Segunda língua
LD	Livro didático
LE	Língua estrangeira
LM	língua materna
LO	Língua oficial
PLE	Português língua estrangeira
PLIP	Políticas Linguísticas para a Internacionalização do Português
PLNM	Português língua não materna
QECR	Quadro europeu comum de referência
SIMELP	Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa
SIPLE	Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira
UF	Unidade fraseológica

LISTA DE TABELAS

1 Livros didáticos analisados.....	60
2 As unidades fraseológicas nos livros didáticos	85
3 Atividades com as unidades fraseológicas	86

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO I - A PESQUISA	13
1.1	Introdução	13
1.2	Justificativa	17
2	CAPÍTULO II – ENSINO DE LÍNGUAS E FRASEOLOGIA	21
2.1	Linguagem e língua-cultura.....	21
2.1.1	Cultura	23
2.2	O ensino de línguas – Português Língua Estrangeira (PLE)	29
2.3	O livro didático de PLE	33
2.4	As Unidades Fraseológicas: Percurso teórico	36
2.4.1	As unidades fraseológicas: características.....	51
2.4.1.1	Fórmulas de rotina	53
2.4.1.2	Colocações.....	54
2.4.1.3	Expressões Idiomáticas	55
2.4.1.4	Provérbios.....	57
3	CAPÍTULO III – METODOLOGIA	59
3.1	Amostra	59
3.2	Procedimentos	62
4	CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS LIVROS	66
4.1	Os livros didáticos	66

4.1.1 Português básico para estrangeiros	67
4.1.2 Sempre amigos	69
4.1.3 Diálogo Brasil.....	71
4.1.4 Aprendendo português do Brasil	72
4.1.5 Estação Brasil	75
4.1.6 Tudo bem? Português para a nova geração	77
4.1.7 Bem-vindo!.....	80
4.1.8 Avenida Brasil	82
4.1.9 Falando, lendo, escrevendo português do Brasil	83
4.2 O tratamento das UF.....	86
4.3 Ensino das UF.....	93
4.4 Propostas	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS	101
ANEXOS	105

CAPÍTULO I

A PESQUISA

1.1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo avaliar o tratamento dispensado às unidades fraseológicas em livros didáticos de Português para estrangeiros.

Nossa análise foi realizada no âmbito do ensino de português para estrangeiros visto que, nos últimos anos, tem aumentado a demanda pelo estudo da língua portuguesa por falantes de outras línguas. Aumentaram também as pesquisas que têm o ensino dessa língua como foco, assim como a análise linguística que auxilia nessa tarefa. No Brasil, cresceu o número de projetos com vistas ao ensino de português a falantes de outras línguas como uma das medidas em constante desenvolvimento para a disseminação do português pelo mundo.

Embora haja esse crescimento constante de fomento à língua portuguesa no mundo, sabemos que há um longo caminho a percorrer para que esta seja reconhecida e ocupe lugar de destaque entre as línguas mundiais como o inglês e o espanhol. Concernente ao ensino de português como língua não materna (PLnM), analisaremos livros didáticos voltados a este fim, com foco nas unidades fraseológicas, que apresentam forte relação com a cultura da comunidade de fala.

O ensino de português língua não materna (PLnM), que abrange tanto o ensino de português como segunda língua (L2) quanto como Língua Estrangeira (LE), é uma área que tem se desenvolvido bastante nos últimos anos, principalmente o Português como Língua Estrangeira (PLE), pois, como afirma Almeida Filho (2007), todas as sociedades, de qualquer condição social, admitem a importância de se estudar uma língua estrangeira (LE). Como prova de tal afirmação, o autor cita a presença obrigatória, nas escolas, de uma disciplina de LE ou, até mesmo, variadas línguas estrangeiras no currículo escolar.

Ainda de acordo com Almeida Filho (2007), as sociedades que buscam o desenvolvimento, além de possibilitarem aos seus falantes o aprendizado de uma ou mais línguas estrangeiras, buscam internacionalizar sua própria língua, viabilizando maneiras de

ensiná-la em países em que esta não é oficial, tornando seu idioma de alcance internacional. Este é o passo almejado por qualquer sociedade que deseja ocupar um status mais elevado na civilização.

O Brasil, sendo o país com o maior número de falantes de língua portuguesa, e uma nação em desenvolvimento, tem realizado pesquisas com a intenção de tornar viável o ensino de PLnM. A promoção e difusão da língua portuguesa, há tempos, é um propósito dos países que a compartilham como língua oficial. Em 1989, foi criada a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) composta por 8 países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Como exemplo de iniciativas que visam a este fim, podemos citar a criação da Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira (SIPL), em 1992 com o objetivo de incentivar a pesquisa e o ensino de PLnM, além de facilitar a troca de informações entre pesquisadores da área em diferentes países.

Em 2001 foi criada a Associação Internacional de Língua Portuguesa (AIPL), uma parceria da Associação Portuguesa de Linguística (APL) com a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), com o objetivo de promover as pesquisas linguísticas em língua portuguesa nas variantes de Portugal, Brasil e África.

Outra iniciativa importante é a realização do Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP) em 2011, em Macau na sua 3ª edição. A primeira edição aconteceu em São Paulo, Brasil, no ano de 2007. A segunda ocorreu em Évora, Portugal, em 2009, reunindo pesquisadores da língua portuguesa de diversas nacionalidades.

Existem também inúmeros programas desenvolvidos por universidades em todo o país tais como a pioneira Universidade de Brasília (UNB), Universidade de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Sergipe (UF), Universidade Federal do Ceará (UFC), que já apresentam projetos, grupos de pesquisa e disciplinas na graduação e na pós-graduação voltadas ao ensino de PLE.

Na UFC se desenvolve o projeto de pesquisa Políticas Linguísticas para a Internacionalização do Português (PLIP) no qual se insere esta dissertação.

Com a globalização e o fortalecimento da economia dos países da América do Sul na economia mundial, cada vez mais tem aumentado a procura pelo ensino de português em nações não lusófonas, principalmente por integrantes do bloco econômico de países da América do Sul denominado Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). O bloco foi criado em 1991 e é formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Sob a liderança brasileira, o bloco visa ao fortalecimento das relações culturais e econômicas entre estes países.

O português e o espanhol são tidos como línguas de cultura nos países que formam esse bloco. Dessa forma, o ensino dessas línguas tem se tornado obrigatório nesses contextos. No Brasil, desde 2005 foi sancionada a Lei 11.161 que obriga a oferta do ensino de Espanhol em todas as escolas de Ensino Médio do país. Esta lei entrou em vigor em 2010.

Na Europa, com a intenção da Comunidade Europeia de expandir o pluriculturalismo e o multilinguismo nos países que a compõem, fazendo com que cada falante domine uma ou duas línguas da comunidade, Portugal, por ser país membro da comunidade, tem condições de expandir o ensino de português naquele continente.

Assim, optamos por analisar livros didáticos (LD) produzidos, no Brasil, com a finalidade de ensinar o português brasileiro para estrangeiros. Nestes materiais, analisamos a presença de unidades fraseológicas, peculiares ao português e de que forma estes elementos estão sendo tratados nos manuais, considerando a relação destes com a cultura da comunidade de fala.

Com relação ao objeto de análise desta pesquisa, sabemos que ensinar uma língua estrangeira significa também ensinar a cultura do povo que a utiliza. Daí se utilizar o termo língua-cultura. Língua é forma de expressão, portanto carrega em si a ideologia de uma sociedade, por isso, o estudo da língua deve estar acompanhado do estudo da cultura na qual está inserida. Os valores sociais dos indivíduos definem as formas de interação entre eles. Estes valores estão na fala e nas escolhas interacionais do falante. O ensino de línguas deve, pois, desenvolver competências abrangentes que possam acompanhar o dinamismo cultural da língua.

Nesse contexto, o estudo do léxico, em especial, tem um espaço privilegiado porque é fortemente influenciado pela cultura. Isso, às vezes, dificulta a compreensão de determinadas expressões, convencionadas, por falantes desta língua, em interação com

falantes de outras, já que as culturas divergem e, conseqüentemente, há reflexos dessa divergência na forma de cada falante se expressar. Este será um desafio a ser superado não só no ensino de PLnM, mas no ensino de qualquer língua não materna. Como exemplo dessa diferença, podemos citar alguns provérbios, que embora sejam equivalentes, apresentam diferenças na construção:

Gato escaldado tem medo de água fria. (port.)

Once bitten, twice shy. (ing.)

Chat échaudé craint l'eau froide. (franc.)

Gato escaldado del agua fría huye. (esp.)

Gebrantes Kind scheut fas Feuer (alem.)

Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. (port.)

A constant drop will wear a hole in a stone. Constant dropping wears the stone. (ing.)

L'eau qui tombe goutte à goutte, cave la pierre. Goutte à goutte, l'eau creuse la pierre. (franc.)

Tanto va el cántaro a la fuente hasta que rompe. (esp.)

Goccia a goccia, síncava la pietra. (ital.)

Steter Tropfen höhlt den Stein. (alem.)

As expressões as quais fazemos referência são as denominadas Unidades Fraseológicas, presentes em todas as línguas como “frases completas”, pré-estabelecidas e que são utilizadas no discurso. O conhecimento destas expressões por falantes de outras línguas é de fundamental importância para a comunicação na língua alvo. Fazem parte destas unidades os provérbios, as expressões idiomáticas, as locuções, as colocações, as fórmulas de rotina, as citações, etc.

1.2 JUSTIFICATIVA

As Unidades Fraseológicas, doravante UF, são constantemente utilizadas por falantes nativos de uma língua, porém seu ensino não acontece oficialmente nas escolas, elas são aprendidas no cotidiano, através da repetição de uso. Embora as UF sejam constantemente utilizadas por falantes nativos, o ensino destas expressões ainda não faz parte dos conteúdos de língua estrangeira. No entanto, o estudo destas unidades se faz importante considerando que o uso destas expressões, mais que o domínio das formas linguísticas, demonstra competência discursiva do falante sobre a língua.

O falante que desconhece as UF de uma língua corre o risco de ser mal sucedido na comunicação por não compreendê-las, traduzindo-as ao pé da letra ou, em outros casos, não se fazer entender ao tentar utilizá-las.

Podemos citar o clássico exemplo do inglês *kick the bucket* que tem a tradução literal de *chutar o balde*, enquanto seu valor semântico é *morrer*, o que, em português, seria *bater as botas*. Outro exemplo é a expressão *misturar alhos com bugalhos* que equivale a *mixing apples and oranges*, em inglês. O falante que traduzir estas expressões ao pé-da-letra não será compreendido por seu interlocutor.

Apesar de fazer parte da linguagem humana, estando presentes em inúmeras compilações e tesouros de diversas línguas, o primeiro viés teórico, de acordo com Pamies Bertrán e Iñesta Mena (2002) foi dado no século XVIII pelo russo Lomonósov em sua *Gramática Russa* na qual o autor já falava sobre combinações de palavras e expressões e, mais tarde, no século XIX, por Busláev.

Fulgêncio (2008) acredita que a dificuldade no ensino das UFs está no fato de que são expressões “familiares” (botar pra quebrar) e “pré-fabricadas” (falar pelos cotovelos), ou seja, não apresentam criatividade do falante, pois já estão prontas e, por isso, foram sempre relegadas a segundo plano no ensino de línguas.

O falante de uma língua estrangeira que não conhece as UF e participa de situações comunicativas nessa língua pode, e algum momento, sentir-se descontextualizado. Para denominar a condição dos falantes não nativos de uma língua que entram em contato

com esta sem conhecer determinadas estruturas utilizadas pelos falantes nativos, utiliza-se o termo criado por Fillmore (1979), “falante ou ouvinte ingênuo”.

A condição de ingenuidade, segundo o autor, é caracterizada pelo desconhecimento da língua-alvo manifestado pelo falante, que desconhece os lexemas idiomáticos de uma língua, palavras que seguem determinada regra de composição, mas que não mantêm significados próximos. Tagnin (2005) cita, em português, o exemplo das palavras cárcere e prisão que, ao receberem o sufixo -eiro, adquirem significados distintos, prisioneiro, para quem estar preso e carcereiro, para aquele que cuida da prisão.

Este falante desconhece também as frases idiomáticas, cujo significado não é dado pela soma do significado das palavras isoladas, traduzindo-as, assim, ao pé-da-letra, sendo incapaz de reconhecer o valor idiomático presente na unidade. Por exemplo, em português se diz “**descascar abacaxi**” que não corresponde à soma de **descascar + abacaxi** e sim, resolver um problema.

Segundo Fillmore (1979) o falante ingênuo não é capaz de ligar as unidades fraseológicas às situações de uso, não sabendo como ou quando utilizar determinadas expressões; não conhece as imagens metafóricas da língua; não é capaz de ler nas entrelinhas, ou seja, compreender o que não foi dito, fazendo sempre uma tradução literal que não condiz com a intenção do falante; desconhece a estrutura dos textos na língua-alvo e, por isso, não sabe comunicar-se nos diferentes discursos orais ou escritos. Desconhece ainda as relações semânticas entre as palavras da língua que, algumas vezes, não mantêm ligação de significado.

Este falante age na língua em condição de ingenuidade por não conhecer as convencionalidades dos falantes nativos e, tão pouco, as particularidades sócio-culturais que interferem nas unidades linguísticas do idioma. Convencionalidades são “costumes” acordados pelos falantes de uma língua. Como exemplo, podemos citar a resposta dada pelos falantes diante de alguém que espirra. Em português se diz “saúde”, vejamos em outras línguas:

Italiano: *salute* (saúde)

Espanhol: *salud* ou *Jesús* (saúde ou Jesus)

Inglês: *God bless you* (Deus o abençoe)

Alemão: *gesundheit* (boa saúde a você)

Francês: *à tes souhaits* (aos seus desejos)

Chinês: *you rén xiang ni* (alguém está pensando em você)

Nesse exemplo, percebe-se o quanto podem variar as unidades linguísticas, dependendo da convenção de seus falantes.

Sintetizando, nosso objetivo geral é:

- Avaliar a prática de ensino da língua portuguesa a falantes de outras línguas, através do tratamento dispensado às unidades fraseológicas em livros didáticos de Português para estrangeiros.

E os específicos:

- Analisar a proposta de ensino das unidades fraseológicas (UF) nos materiais didáticos de Português Língua Estrangeira (PLE).
- Compreender as relações entre as unidades fraseológicas e o contexto cultural das sociedades que as utilizam.

As perguntas de pesquisa são:

- Que atividades são realizadas acerca das UF?
- Em que nível estas atividades se inserem?
- As atividades propostas contribuem para a aprendizagem das UF por parte dos alunos?

No capítulo II, abordamos a relação existente entre língua e cultura, analisando estes termos, bem como o conceito de linguagem e qual a importância do componente cultural para o aprendizado de uma língua estrangeira. Discutimos ainda neste capítulo sobre o ensino de línguas estrangeiras, definindo conceitos relacionados aos tipos de língua e sobre o papel do livro didático neste processo.

Ainda no capítulo II tratamos do nosso objeto de estudo, as unidades fraseológicas. Nele, traçamos o histórico da Fraseologia, a base teórica desta pesquisa, do século XV aos dias atuais. Apresentamos as características das UF e definimos 4 categorias destas.

No capítulo III, apresentamos a metodologia de nosso trabalho, os procedimentos realizados, o *corpus* analisado e as categorias de análise.

O capítulo IV traz a análise dos livros didáticos. Inicialmente, há a apresentação do livro seguida do tratamento conferido às UF no material analisado.

Na conclusão, revisitamos os objetivos iniciais e propomos uma reflexão sobre o resultado de nossa pesquisa.

CAPÍTULO II

ENSINO DE LÍNGUAS E FRASEOLOGIA

2.1 LINGUAGEM E LÍNGUA-CULTURA

Linguagem, língua e cultura são conceitos amplamente discutidos quando se trata do ensino de línguas, especialmente de línguas estrangeiras. A concepção destes termos adotada pelo professor irá influenciar em sua prática em sala de aula. O componente cultural entra aqui como componente imbricado à língua. Neste capítulo, discutiremos esses conceitos e sua relação com o ensino de línguas estrangeiras.

Definir língua e linguagem é uma preocupação que já existia mesmo antes do surgimento da Linguística. É fato que os termos diferem entre si, embora sejam interdependentes, porém defini-los tem sido uma discussão com inúmeras faces que tem gerado controvérsias entre os linguistas.

Linguagem é o termo utilizado para referir-se às diversas formas de comunicação entre os seres humanos ou, até mesmo, entre os animais, na concepção mais ampla do termo. Considerando a linguagem uma faculdade estritamente humana, existem as linguagens visuais, gestuais, sonoras, etc. E uma das formas de manifestação de linguagem é a língua - falada ou escrita - ela seria, portanto, uma manifestação da linguagem, sendo subordinada a esta.

Há três concepções de linguagem, de acordo com Geraldi (2006), a primeira delas, adotada pelos gregos, diz que esta é mera expressão do pensamento. Segundo esta teoria, a linguagem se organiza na mente do falante e, ao ser exteriorizada, está apenas expressando o pensamento do indivíduo.

A linguagem passou a ser vista de outra forma no início do século XX, quando Saussure propôs a distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*), onde língua seria, dentro da linguagem, um sistema de signos externo ao indivíduo e a fala seria o uso desse sistema pelos falantes da língua. Dentro desta divisão, Saussure elegeu a língua como objeto de estudo. A

partir daí, a linguagem passou a ser vista como instrumento de comunicação entre emissor e receptor.

Mais tarde, o termo linguagem passou a ser visto como forma de interação e não apenas de comunicação. É através dela que o falante age sobre o ouvinte, possibilitando uma interação entre os dois. Nesta nova vertente, a língua seria instrumento social historicamente contextualizado e, por isso, inseparável da cultura, pois,

“Língua é um símbolo, um modo de identificação, um sistema de produção de significados individuais, sociais e culturais, uma lente através da qual enxergamos a realidade que nos circunda.” (OLIVEIRA SANTOS, 2004).

Marcuschi (2002) também considera a língua como forma de interação sócio-histórica, no entanto, o autor acrescenta que, antes de tudo, a linguagem é uma atividade cognitiva que precisa ser interpretada, recriada na interação não sendo apenas representativa da realidade, mas sim constitutiva desta. O autor cita como exemplo a representação da palavra “cachorro” nas seguintes frases:

A madame saiu à rua com seu cachorro.

A policial saiu à rua com seu cachorro.

A carrocinha da Prefeitura recolheu um cachorro.

Segundo o autor, em cada uma das frases a imagem de cachorro acionada pelo leitor/interlocutor é diferente devido ao conhecimento social, o que nos leva a imaginar que na frase I trata-se de um *poodle*, na II um pastor alemão e na III, um vira lata.

Para os estudiosos, língua não seria apenas um conjunto de sinais que servem à comunicação. A discussão sobre língua e linguagem é tema do livro *Conversas com linguistas* (2007), organizado por Xavier e Cortez. Vejamos como alguns teóricos abordam essa questão.

Mollica (2003) afirma que é através da língua que somos capazes de “construir, transmitir, receber e interpretar mensagens com conteúdos de sentido.” Marcuschi (2003) ratifica esta ideia ao definir língua como uma **atividade** de construção de sentido, sócio-

historicamente situada. Para o autor, linguagem é uma faculdade humana e língua é uma das formas de atuação desta faculdade que assume “culturalmente uma determinada maneira de ser”, pois é através dela que o homem se organiza e efetiva a faculdade da linguagem.

Koch (2003) define língua como um sistema organizado que se “realiza enquanto prática social” sendo nelas constituídas. Matos (2003) considera linguagem um termo amplo no qual se encontra a língua como “manifestação particular sócio-cultural.” A língua, por sua vez, é definida pelo autor como “sistema de comunicação intra/interpessoal e intra/intercultural, compartilhado e usado por membros de uma ou mais comunidades, através de variedades individuais, geográficas e sociais.”

Neste trabalho adotaremos o termo língua como instrumento de interação usado por uma determinada sociedade e que mantêm relação direta com a cultura dessa sociedade, apresentando, portanto, variações, em uma mesma língua, quando diferentes forem seus falantes.

2.1.1 Cultura

Todas as sociedades, seja antiga ou moderna, apresentam visões de mundo, costumes e crenças que definem sua forma de viver e que identificam e individualizam os indivíduos pertencentes a elas. Estas visões caracterizam a carga cultural deste povo, tema que tem sido o foco de inúmeros trabalhos que tentaram definir e delimitar o termo cultura. São estes elementos, constituintes da cultura, que formam o homem, pois segundo Geertz (1989) sem cultura o homem não existiria.

O desafio de ensinar uma língua estrangeira, atualmente, tem trazido à tona o debate sobre a importância da cultura e da participação desta no processo de ensino-aprendizagem. Isto, segundo Kramsch (1996, p. 1), deve-se ao fato de que os “Educadores temem que a simples aquisição de sistemas linguísticos não é garantia de paz e compreensão mundial.” O fato é que a cultura passou a fazer parte das salas de aula de LE. No entanto, a definição do que seja cultura ainda é algo que apresenta variadas faces e gera controvérsias.

O termo cultura perpassa diversas áreas do saber – antropologia, educação, psicologia - podendo referir-se aos costumes de uma sociedade, ao conhecimento adquirido por esta sociedade ao longo do tempo, o comportamento desta diante da vida e sua forma de encará-la. Tudo isso forma a cultura de um povo. Como afirma Ortíz Alvarez (2002, p. 158)

(...) cada sociedade tem características próprias que a diferenciam das demais, o conteúdo do que é cultura, sua dinâmica e sua importância, enfim, tudo isso deve variar bastante de uma comunidade para outra, inclusive dentro de uma mesma também acontece, portanto, seria mais do que interessante e de grande motivação, com certeza imprescindível, o estudo e análise dos valores culturais da língua-alvo.

Há variadas definições de cultura, não somente na distinção culto-inculto, erudito ou popular, mas como tudo o que é aprendido, adquirido por um povo e passado de geração a geração. Assim, são manifestações culturais: a música, a dança, os costumes, a culinária e, principalmente a linguagem. Nesse sentido, o meio de comunicação e, do mesmo modo o uso da língua é forma representativa desta cultura.

A concepção primeira de cultura remete aos gregos e refere-se a conhecimento, educação, e expressões artísticas praticadas por alguém. De acordo com esta visão, só os letrados eram detentores de cultura. Assim, cultura resumia-se a conhecimento e saber literário ou artístico.

Em uma visão mais ampla, o termo também pode ser usado para fazer menção a um conjunto de elementos artísticos de dada comunidade ou comportamentos comuns a esta. Geertz (1989) define cultura com um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções - para governar o comportamento. Concordamos que estes mecanismos são adquiridos, porém não se restringem a conhecimento literário ou artístico, mas sim “conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo [ser humano] como membro de uma sociedade”. (Edward Tylor [1871] apud Laraia, 1986, p. 25).

Esta noção mais abrangente do termo cultura é utilizada para referir-se às formas de viver e de agir de um povo, bem como suas manifestações artísticas, vestimentas, comportamento, literatura, língua e tudo o que lhe seja peculiar. É essa concepção ampla de

cultura, conforme Santos (1994), como conhecimento, ideias e crenças que determinam a vida social de um grupo ou nação, que adotaremos neste trabalho. Assim, em um mesmo espaço pode haver uma cultura da sociedade como um todo, bem como de um grupo menor inserido nesta que se caracteriza por apresentar uma cultura diferenciada, ou seja, várias culturas interagindo em um mesmo espaço.

A linguagem é um dos componentes da cultura, é uma manifestação cultural que individualiza, de certa forma, a maneira de se expressar de cada sociedade e que deve ser ensinada e aprendida em relação com os costumes da comunidade de fala em questão. A língua é, portanto, instituição social e está intimamente relacionada à cultura do povo que a utiliza.

Esta relação entre linguagem e cultura torna-se importante para o ensino por ser uma relação inicialmente estabelecida, já que não existiria língua sem seus falantes e estes apresentam intrinsecamente uma cultura. Daí se utilizar o termo língua-cultura como algo inseparável e não partes independentes.

Nesta pesquisa, abordaremos a relação existente entre cultura e língua. Acreditando que são termos indissociáveis, utilizaremos o termo língua-cultura, pois “a linguagem é um dos principais componentes da cultura” (FONTES, 2002, p.178), e “uma das principais formas em que a cultura se manifesta” (KRAMSCH, 1996, p. 3)¹, não podendo língua ser vista dissociada da cultura ou vice-versa. Esta relação torna-se mais perceptível no ensino de línguas estrangeiras.

O processo de ensino de línguas estrangeiras visa à formação de falantes competentes em uma língua da qual o aprendiz não possui domínio e, muitas vezes, não possui conhecimento da cultura que a subsidia, limitando-se ao que sobre esta ouviu falar. Neste sentido, o ensino não deve prender-se somente à nomenclatura gramatical, mas, sobretudo, ao desenvolvimento da competência comunicativa do falante nos mais diferentes contextos de comunicação.

1. “The cultural component of language teaching” (Kramsch, 1996) está disponível em: <http://zif.spz.tu-darmstadt.de/jg-01-2/beitrag/kramsch2.htm>

Para que se atinja este objetivo, o ensino de língua deve estar relacionado à cultura peculiar ao povo e que interfere e, de certa forma, determina sua interação com o mundo. Portanto, ensinar uma língua é, antes de tudo, ensinar a cultura de um povo, pois a linguagem reflete a identidade cultural da comunidade que a utiliza. Assim,

“Dissociar cultura de ensino de língua é privar o aluno do conhecimento do modus vivendi dos falantes de uma língua específica. Somente o conhecimento da cultura torna possível chegar ao sentido de determinadas expressões. (...) se a cultura for negligenciada, a compreensão acerca de determinadas construções linguísticas inexistirá” (MATTES & THEOBALD, 2008, p. 9)

Estas “determinadas expressões” citadas pelos autores acima são as unidades fraseológicas. Ainda com relação a elas, Mena Martínez (2003, p. 114) afirma que

“se assumimos como certo que a língua forma parte da cultura, temos de aceitar que todo signo linguístico e, entre eles, os fraseologismos, são cultura. Por outro lado, a fraseologia possui outro nexo de união com a cultura, já que não forma apenas parte dela, como também é um forte reflexo desta, consolidado por meio de referências às vezes explícitas e outras vezes implícitas.”

O ensino de línguas é algo tão complexo e importante que foi criado, na Europa, o Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QECR²), um documento que apresenta parâmetros para o ensino de línguas na Europa. O QECR serve de guia para professores que atuam na área do ensino de línguas.

A cultura aparece neste documento como fator diretamente relacionado à língua, sendo uma das habilidades exigidas para que se alcance proficiência nesta. Portanto, nesta visão, o ensino de línguas deve contemplar o elemento cultural. Com esta finalidade, no QECR, inicialmente se distingue “plurilinguismo” de “multilinguismo”. O segundo consiste em conhecer determinadas línguas ou mesmo no convívio destas em dada sociedade. O primeiro vai além disso, pois,

2. Disponível em: http://www.dgide.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/724/Quadro_Europeu_total.pdf

(...) acentua o facto de que, à medida que a experiência pessoal de um indivíduo no seu contexto cultural se expande, da língua falada em casa para a da sociedade em geral e, depois, para as línguas de outros povos (aprendidas na escola, na universidade ou por experiência directa), essas línguas e culturas não ficam armazenadas em compartimentos mentais rigorosamente separados; pelo contrário, constrói-se uma competência comunicativa, para a qual contribuem todo o conhecimento e toda a experiência das línguas e na qual as línguas se inter-relacionam e interagem. (QECR, p. 23)

Para que se definam os parâmetros para ensino de línguas e avaliação de aprendizado, faz-se necessário definir o termo competência, que estará sempre presente no processo de ensino-aprendizagem. O QECR³ assim o define, “*Competências* são o conjunto dos conhecimentos capacidades e características que permitem a realização de ações.” (p. 29)

E, no âmbito do aprendizado de línguas, “*As competências comunicativas em língua* são aquelas que permitem a um indivíduo agir utilizando especificamente meios linguísticos” (idem). As competências, segundo o QECR, compreendem três áreas: linguística, sociolinguística e pragmática. Estes componentes unidos formam a competência comunicativa.

No QECR cita-se também a importância da competência sócio-cultural do aprendiz na língua-alvo e das unidades influenciadas por este fator. Neste caso, são citadas aquelas que denominamos aqui, UF: Os marcadores linguísticos das relações sociais, as chamadas fórmulas de rotina, que incluem formas de saudação, de tratamento, convenções para a tomada de palavra e exclamações.

O quadro cita ainda as expressões de sabedoria popular, denominadas como:

fórmulas fixas que exprimem e reforçam as atitudes correntes, contribuem significativamente para a cultura popular. (...) O conhecimento acumulado de sabedoria popular expresso na língua, considerado como um conhecimento generalizado, é um componente significativo do aspecto linguístico da competência sociocultural. (IDEM p. 170).

3. O QECR rege o ensino de línguas na Europa. Está disponível em francês, português, inglês e espanhol.

O documento classifica como fórmulas fixas, os provérbios, as expressões idiomáticas, as expressões familiares, as expressões de crenças, atitudes e valores, equivalentes aos ditos e refrães, além dos denominados *graffiti*, *slogans* nas *T-shirts* e na TV e frases de cartazes.

Dentro da competência léxica, capacidade de uso do vocabulário da língua, também são citadas as unidades fraseológicas, chamadas expressões fixas e que incluem: expressões feitas, expressões idiomáticas, estruturas fixas, combinatórias fixas e, inclusive, palavras isoladas que apresentam polissemia.

Como se pode perceber, o conhecimento das unidades fraseológicas é citado como elemento essencial para um bom desempenho linguístico, devendo seu conteúdo figurar nos manuais de ensino de línguas. O documento que rege o ensino das línguas europeias prevê que se aborde esse ensino. Uma das competências que o aprendiz deve apresentar descrita no QECR é:

Possuir um bom domínio de expressões idiomáticas e de coloquialismos com consciência dos níveis conotativos do significado. Conhecer bem as implicações sociolinguísticas e socioculturais da linguagem utilizada pelos falantes nativos e ser capaz de reagir de acordo com esse conhecimento. Ser capaz de desempenhar o papel de mediador entre locutores da língua-alvo e da sua comunidade de origem, considerando as diferenças socioculturais e sociolinguísticas. (IBIDEM, p. 173)

E, em outra ocasião:

Tem um bom domínio de um vasto repertório lexical que inclui expressões idiomáticas e coloquialismos; demonstra consciência de níveis conotativos de significado. (...) Domina um repertório alargado que lhe permite ultrapassar dificuldades/lacunas com circunlocações; não é evidente a procura de expressões ou de estratégias de evitação. Bom domínio de expressões idiomáticas e coloquialismos. (IDEM, P.65, 113)

2.2 O ensino de línguas – Português Língua Estrangeira (PLE)

O ensino de línguas tem sido um desafio que vem sendo lançado aos profissionais da Linguística Aplicada desde a década de 50, após a segunda Guerra Mundial. Sabemos que este é um processo complexo que envolve fatores internos e externos aos indivíduos envolvidos e que muitas pesquisas têm buscado compreender e explicar.

Quando se fala em ensino, recorre-se a conceitos que estão intrinsecamente relacionados a esse processo, tais como professor, aluno, material didático, método de ensino, ambiente de ensino. Em nosso trabalho, analisaremos os livros didáticos voltados ao ensino de Português língua não materna (PLNM). Para melhor compreensão, definiremos os conceitos de Língua Materna (LM), Língua Oficial (LO), Língua Estrangeira (LE) e Segunda Língua (L2) que perpassam este processo de ensino.⁴

● Língua Materna (LM)

Para iniciarmos, definiremos língua materna (LM) como a língua adquirida pelos falantes através do convívio em ambientes familiares. Recebe este nome por ser a língua, na maioria das vezes, adquirida da mãe. O falante adquire a LM ao estar em contato com esta, sem que haja necessidade de ir a escolas ou instituições oficiais de ensino – referimo-nos aqui à modalidade oral da língua. Para Almeida Filho (2009, p. 8), a língua materna “serve para comunicação ampla desde a casa, passando pela rua até a escola e os meios culturais. É a língua em que se constitui a identidade pessoal, regional, étnica e cultural de uma pessoa.”

Independente do grau de escolaridade, todo ser humano é capaz de adquirir a língua em que está em contato desde o momento do nascimento, a língua dos pais, da família, da sociedade em que vive. Esta língua será sua língua materna. Caso o falante seja exposto a mais línguas neste ambiente, elas serão também sua língua materna, o que caracteriza o bilingüismo *stricto senso*.

4. Sobre este assunto, a Unicamp mantém o site: <http://www.labeurb.unicamp.br/elb/index.html>

Da LM, o falante internalizará a gramática e será capaz de comunicar-se mesmo que nunca a tenha estudado. Esta aquisição dá-se após alguma experiência do indivíduo e a motivação é basicamente a necessidade de comunicar-se com o mundo que o rodeia. Guimarães *et al.* (2008) afirma que o fato de a LM ser utilizada pela sociedade constantemente, faz com que ela seja a primeira língua do falante.

- **Língua Oficial (LO)**

Em um país pode haver variadas línguas, contudo, uma delas deve ser escolhida para que nela se redijam os documentos, sejam realizadas as relações do país e suas leis, esta será chamada língua oficial ou nacional. Ela é “representante da consciência coletiva” (NARDI, 2002). É através da língua oficial que um povo se expressa legalmente e oficialmente.

A língua oficial é aquela que os órgãos públicos utilizam em suas relações nas instituições do Estado. É a língua que deve ser ensinada nas escolas e a qual todos os falantes devem ter acesso para que a utilizem em situações oficiais. Guimarães *et al.* (Idem) define língua oficial como a “língua, institucionalmente reconhecida, de um Estado, aquela que é obrigatória nas ações formais do Estado, nos seus atos legais”.

Alguns países podem ter mais de uma língua oficial, é o caso, por exemplo, da Suíça que apresenta 4 línguas oficiais: francês, italiano, alemão e romanche. Em outros, como é o caso do Brasil, são faladas aproximadamente duzentas línguas, dentre as quais as indígenas, as de base africana e as dos imigrantes. No entanto, o Português é a língua oficial.

- **Segunda Língua (L2)**

Denomina-se segunda língua (L2) aquela que o falante adquire concomitante à LM, ou mesmo depois desta. Na maioria dos casos, a L2 coexiste com outra língua em um mesmo território e não é a língua de uso dos falantes daquela comunidade de fala, no entanto representa uma função naquela sociedade. Para Almeida Filho (2009, p. 10), “uma L2 é uma língua não-materna que se sobrepõe a outra(s) que não circula(m) socialmente em setores ou instituições ou que circulam com restrições.”

A L2, geralmente, é uma língua oficial de um território e que, por isso, possui um status político ou econômico frente a outras que possam ser utilizadas no convívio familiar. É uma das línguas da escola, mas que pode ser aprendida sem ter sido estudada formalmente, já que há um convívio social com ela.

A competência comunicativa em duas línguas diferentes caracteriza o chamado bilingüismo em seu sentido mais amplo. Isso se dá quando o falante é capaz de usar uma ou outra língua com a mesma eficácia. Como exemplo de L2, citemos o português em alguns países lusófonos da África, como Cabo Verde, onde a LM é o crioulo e o português, por ser oficial, torna-se L2.

Embora possa ser uma língua oficial, alguns falantes possuem uma L2 que não é oficial em seu país. Estas pessoas aprendem outra língua por diversos motivos e apresentam fluência em ambas as línguas.

Como exemplo, temos o caso de descendentes de estrangeiros que estudam ou têm contato com a língua de seus familiares, podendo conviver em suas casas com diferentes línguas.

Aos que estudam duas línguas apenas por status social, denomina-se “bilinguismo de elite”, termo atribuído a Fishman (1977 *apud* Flory e Souza, 2009).

No caso do português, temos como exemplo de PL2, a língua dos imigrantes que vivem em colônias estrangeiras no Brasil. Dentro das colônias, eles utilizam suas línguas maternas, porém convivem socialmente e economicamente com o português, língua oficial do país. Outro exemplo é o das comunidades indígenas que em suas tribos utilizam a língua indígena e quando saem dela têm de usar o português.

Em casos em que a L2 não é adquirida na infância, o processo é diferente da aquisição da LM, a aquisição da L2 ocorre quando o aprendiz já possui uma gramática, um sistema de comunicação internalizada. As motivações são outras, geralmente de ordem social ou política. Para este aprendizado, é imprescindível que se ordenem os elementos linguísticos para facilitá-lo e para que se leve menos tempo a um nível de fluidez, o que não acontece com a LM.

- **Língua Estrangeira (LE)**

Chamamos de língua estrangeira (LE) àquela que é aprendida em ambientes totalmente fora do qual se fala a língua em questão. Este ensino acontece de maneira formal, com livros didáticos, em instituições de ensino, visto que os aprendizes não estão no contexto de imersão. Os professores, quase sempre, são falantes não nativos da língua e esse ensino visa a um melhor entendimento com os falantes nativos da língua ou apenas à escrita e leitura de textos literários ou científicos.

A mesma língua, por ser oficial em diferentes países e sofrer influência de diferentes culturas, pode apresentar variações de uso, por exemplo, o português de Portugal apresenta variações em relação ao português do Brasil e este, por sua vez é distinto do que é utilizado no Timor Leste.

A variedade a ser ensinada será aquela de maior prestígio econômico e social. No caso do português, algumas escolas escolhem a variação de Portugal e outras, a do Brasil. Seja qual for a variante escolhida para o ensino, há que se pensar nas diferenças que falantes de outras línguas encontrarão para a compreensão na língua-alvo, neste caso, o português.

O aprendizado de uma LE deve acontecer em duas modalidades, de acordo com Almeida Filho (2007, p. 12):

Uma que busca o aprender consciente, monitorado, de regras e formalizações, típicos da escola enquanto instituição controladora do saber, e outra que almeja a aquisição subconsciente quando o aprendiz se envolve em situações reais de construir significados na interação com outros falantes/usuários dessa língua.

Dentro dessas modalidades, a segunda nos interessa por levar em consideração as situações reais de comunicação, na construção de significados frente a falantes nativos da língua em que se deseja obter competência comunicativa.

2.3 O livro didático de PLE

O livro didático (LD) tem sido uma importante ferramenta de auxílio ao ensino, atuando como suporte ao professor. A importância da presença do LD em sala de aula fez com que fossem criadas leis e programas federais que legislam sobre sua escolha e uso.

No Brasil, em 1929, foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL) com vistas a legitimar o uso do LD. Em 1938 foi criada a Comissão Nacional do Livro (CNL) que elabora as principais leis sobre produção e distribuição de LDs no país. Em 1985, as medidas foram ampliadas e foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Com estas medidas, foram distribuídos milhões de livros a alunos de escolas públicas de ensino fundamental em todo o país.

Na década de 2000, além dos livros, foram distribuídos dicionários de língua portuguesa e livros em braile para deficientes visuais. Em 2006, o programa ofereceu aos alunos da rede pública dicionários trilingues ilustrados em língua portuguesa, língua inglesa e língua brasileira de sinais (LIBRAS).

Essas medidas foram adotadas para a distribuição de LD de língua portuguesa e demais disciplinas do Ensino Fundamental.

A preocupação com os materiais didáticos pode ser comprovada com os eventos realizados cujo foco é a análise de LDs. Estudiosos buscam auxiliar aos autores e preencherem lacunas deixadas em materiais anteriores. Como exemplo dessa atividade, podemos citar o Simpósio do livro Didático de Língua Materna e Língua Estrangeira (SILID) que já realizou sua terceira edição na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – RIO).

Com relação à língua estrangeira, apenas em 2011, o Ministério da Educação passa a incluir as línguas estrangeiras modernas (Inglês e Espanhol) na área de **Linguagens, Códigos e suas tecnologias**, compondo o conteúdo curricular do Ensino Médio, considerando que estas línguas fazem parte do conteúdo básico deste nível de ensino.

O guia do livro didático de línguas modernas para o ano de 2012 apresenta resenhas sobre livros avaliados e propostos aos professores. São avaliados um total de 10

livros, sendo 3 de espanhol e 7 de inglês. Embora a inclusão das línguas modernas seja recente, o ensino de línguas estrangeiras é uma atividade mais antiga.

O ensino de línguas estrangeiras é um processo que há tempos vem sendo desenvolvido, no entanto, foi na segunda metade do século XX que houve um maior avanço destes estudos no mundo. Neste período, surgiu a Linguística Aplicada (LA), “área de conhecimento explícito, objetivo e sistemático” (ALMEIDA FILHO, 2009) que se ocupou de estudá-lo cientificamente.

Com a expansão do ensino de línguas e, conseqüentemente, da LA, a elaboração de materiais didáticos voltados ao ensino de línguas também apresentou um notável crescimento. Contudo, o ensino de línguas ainda é um processo bastante discutido entre os linguistas aplicados, bem como o processo de elaboração e análise dos materiais didáticos (livros, CDs, DVDs, softwares, etc.) que o subsidiam.

O ensino de línguas, seja materna ou estrangeira, sofre a influência de fatores diversos. Um desses fatores é o material didático adotado pelo professor. Neste trabalho, iremos analisar somente um tipo desses materiais, o LD, de uma língua específica, o Português para falantes de outras línguas.

O livro didático representa um forte elemento de mediação entre o estudante e o conhecimento. Ele está presente na vida escolar mesmo antes do surgimento da imprensa, quando os próprios estudantes produziam seus escritos. Hoje, o LD divide espaço com outros materiais didáticos e, principalmente, com as novas tecnologias tão presentes entre nós.

Concernente ao ensino de línguas estrangeiras, o LD torna-se um instrumento de suma importância, uma vez que este é, em sala de aula, na maioria das vezes, o principal e talvez o único contato com a língua em estudo. É o LD que norteia o trabalho do professor de línguas, sendo, muitas vezes, a autoridade na sala de aula.

Quanto ao ensino de PLE, os primeiros livros didáticos apresentavam-se em pouca quantidade e eram de difícil acesso, o que obrigava os professores a criarem seus próprios materiais didáticos. Contudo, o ensino de PLE tem sido ampliado nas últimas décadas, graças a iniciativa de universidades brasileiras e a dedicação de linguistas que têm se ocupado em estudar e expandir o ensino de Português no mundo. Os materiais didáticos também têm apresentado evolução em quantidade e qualidade.

Todavia, é inegável que os LDs de PLE analisados, embora tenham qualidade, ainda apresentam algumas lacunas que precisam ser preenchidas. Considerando que o LD, segundo Diniz, Stadiotti e Scaramucci (2009), é o principal referencial de um professor de LE e pode afetar ou mesmo determinar o planejamento do curso pelo professor. É preciso considerar que ele traz a língua-cultura e a escolha deste deve ser bem pensada por parte do professor, pois ele irá interferir na visão de mundo que os alunos terão sobre os falantes nativos da língua em estudo.

No capítulo seguinte, trataremos das unidades fraseológicas. Traçamos um percurso teórico dos estudos fraseológicos, citando os principais trabalhos de 1500 aos dias atuais.

2.4 As Unidades Fraseológicas: Percurso teórico

As unidades fraseológicas sempre estiveram presentes na linguagem humana e aguçaram a curiosidade dos falantes, pensadores e estudiosos em diversas épocas. Riquezas da expressão de um povo, foram citadas por vários autores em suas obras. Segundo Pamies Bertrán & Iñesta Mena, (2002), durante o Humanismo, em 1500, o holandês Erasmo de Rotterdam compilou mais de 800 provérbios em *Adágia*. Ainda no século XVI, estes pequenos textos foram publicados por P. Vallés em seu *Livro de Refranes* e por Antônio Delicado em *Adágios populares*. Estavam presentes também no *Tesoro de la Lengua Española*, publicado por Sebastián Covarrubias, no século XVII.

As expressões mais abordadas nas obras citadas são os provérbios, que são pequenos textos que têm sua origem na oralidade ou em textos conhecidos e são passados de geração a geração, resistindo ao tempo. Nestas compilações eles já estavam presentes, porém ainda não recebiam um tratamento teórico. Muitas são as denominações para estes tipos de texto como, por exemplo, provérbio, adágio, refrão, anexim, ditado, etc. Sob estas denominações foram publicadas várias obras dedicadas a estas expressões e, embora elas sejam estudadas pela Paremiologia, também são considerados enunciados fraseológicos.

No século XX estas expressões passaram a ser estudadas de forma sistemática quando foram citadas no curso de Saussure, *Curso de linguística geral*, que deu origem à Linguística. Ainda assim, isto ocorreu apenas mais tarde e estes primeiros estudos desenvolveram-se de forma lenta e gradativa.

Em seus estudos linguísticos, Saussure já fazia referência a estas expressões mencionadas sob o termo *locutions toutes faites*, por sua característica de serem reproduzidas em bloco. Ao discutir relações sintagmáticas e associativas entre as palavras, o linguista se questiona sobre a liberdade dessas combinações próprias da fala. Saussure (S/D, p. 144) afirma que:

há, primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas.”

No entanto, os primeiros estudos fraseológicos surgiram com Bally (1909), aluno e seguidor de Saussure, dentro de seus estudos estilísticos nos quais o autor fazia menção às combinações fixas de palavras, conjunto para o qual usou o termo fraseologia. A partir de então, a Fraseologia pôde ser definida como disciplina linguística.

Contudo, foi na antiga União Soviética, ainda na primeira metade do século XX, que os estruturalistas - dentre os quais Vinogradov - resgataram os estudos de Bally e desenvolveram as bases teóricas para a Fraseologia com a intenção de analisar as características, funções e origens deste grupo de expressões. Como assinala Suarez Cuadros (2007), Vinogradov foi o primeiro a utilizar o termo “unidade fraseológica” ao propor a distinção dessas expressões em: **uniões fraseológicas**, **combinações fraseológicas** e **unidades fraseológicas**. O primeiro termo refere-se a grupos de palavras que só apresentam sentido juntas. O segundo remete aos grupos nos quais uma das palavras só apresenta significado dentro da expressão e o terceiro termo engloba todos os fenômenos fraseológicos.

No entanto, o termo Fraseologia pode ainda causar alguma confusão, uma vez que pode designar tanto o conjunto de fenômenos fraseológicos, o grupo de uniões fixas de palavras, quanto a própria disciplina que os estuda. Este impasse existe mesmo entre os teóricos da área, que adotam inúmeros termos para referir-se a estas unidades lexicais. Além disso, outra discussão que se estabelece é com relação ao espaço teórico no qual se insere a fraseologia dentro dos estudos linguísticos. Alguns estudiosos a consideram uma disciplina autônoma, outros a veem como subárea da lexicologia, que se dedica ao estudo do léxico. Discussões à parte, o importante é reconhecer a importância dos estudos fraseológicos, seja como disciplina autônoma ou inserida em outra.

De acordo com Tristá (1988), o termo Fraseologia pode designar duas concepções: uma em sentido restrito e outra em sentido amplo. A primeira engloba as composições de palavras que funcionam como elementos oracionais, ou seja, que ocorrem dentro de orações. A segunda engloba tanto estas combinações quanto outras mais complexas, como os provérbios e as citações, que independem de orações. Ainda com relação a esta indefinição terminológica, Gonzáles-Rey (2007, p.5) assim define fraseologia:

[...] expressões fixas preexistentes e subsequentes ao discurso livre, consideradas geralmente como elementos do léxico, e que passam frequentemente despercebidas aos olhos do locutor nativo e que são rapidamente percebidas pelos estudantes estrangeiros. ²

Ortiz Alvarez (2000, p. 73) define Fraseologia como:

[...] combinação de elementos lingüísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos.

E, em 2009, acrescenta:

Nela se incluem todas as combinações onde os componentes possuem traços metafóricos geralmente estáveis (em alguns casos a estabilidade é parcial permitindo algumas alterações sem perder o significado total da expressão).

Para Monteiro-Plantin (2010, p.1), fraseologia é:

... o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, em língua materna, segunda ou estrangeira, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente.

Oliveira Silva (2010, p. 1) assim define fraseologia:

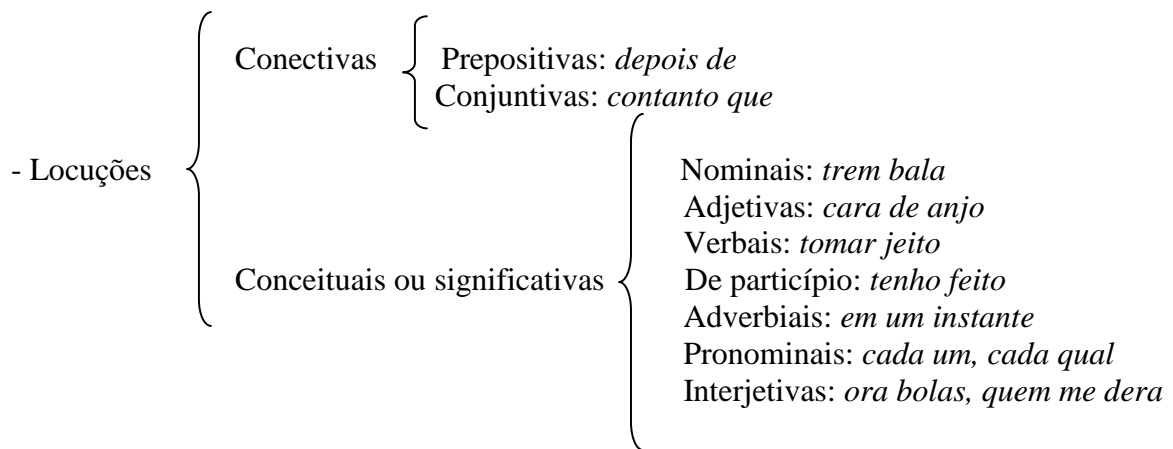
...disciplina linguística que tem por objeto de estudo certos tipos de fenômenos léxicos reunidos, geralmente, sob o termo unidades fraseológicas, ou seja, combinações estáveis de palavras que apresentam certa fixação de forma e significado, entre outras características

Tendo como base os estudos fraseológicos de Bally e, mais tarde, os trabalhos de pesquisadores da antiga União Soviética, autores, investigadores e linguistas passaram a estudar esses elementos da língua sob várias nomenclaturas: **expressões fixas, expressões formuláicas, idiomatismos, expressões pluriverbais, unidades fraseológicas, lexias complexas, frases feitas, expressões cristalizadas, expressões estereotipadas, etc.**

O primeiro a fazer uma tentativa de classificação das UF nas línguas latinas foi **J. Casares**, em **1950**. O autor baseou-se no critério funcional dos fraseologismos e os classificou em locuções e fórmulas proverbiais. As locuções, para o autor, seriam “combinações estáveis de dois ou mais termos que funcionam como elemento oracional e cujo sentido unitário não se justifica como a soma do significado normal dos componentes” (p. 170).

As fórmulas proverbiais são unidades autônomas que não funcionam como oração, mas possuem autonomia sintática. Segundo o autor, elas têm origem em textos famosos, escritos ou falados e, por sua origem histórica, pertencem a determinada sociedade. Diferenciam-se dos refrões porque estes “expressam um pensamento de acordo com alguma experiência” (p. 192). São, pois, verdades universais e não estão presos a uma só cultura.

A classificação de Casares serviu de base aos estudos que o seguiram. A seguir, sistematizamos esta classificação de forma mais detalhada:



- Fórmulas proverbiais: *ser ou não ser, eis a questão*.

- Refrões: *Deus ajuda a quem cedo madruga*.

Zuluaga Ospina (1980) caracteriza as UF como unidades de língua institucionalizadas e convencionalizadas e que são arbitrariamente fixadas pela repetição de uso na comunidade linguística. São consideradas UF desde as locuções, até os textos que constituem, sozinhos, minitextos (os provérbios). Para o autor, estas unidades facilitam e simplificam a mensagem por serem reconhecidas pela comunidade e, além disso, dão realce

ao teor da mensagem que está sendo passada. O autor aponta a fixação como característica básica das UF, seguida da brevidade e da institucionalização pela comunidade de fala que as utiliza.

A proposta de classificação de Zuluaga separa as UF em dois grupos: o primeiro comporta as **locuções** como elementos oracionais, ou seja, não possuem valor fora de orações, sejam simples ou compostas.

O autor divide as **locuções** em:

Equivalentes a unidades gramaticais: prepositivas, conjuntivas e elativizadoras. São exemplos, respectivamente: *em torno a, contanto que, que dá medo*.

Equivalentes a unidades lexicais: nominais, adnominais, adverbiais e verbais.

O segundo grupo é o dos **enunciados fraseológicos**, textos completos com sentido próprio, como os refrões, os provérbios e as frases feitas. Para o autor, estes são verdades tradicionais, gerais e permanentes. Exemplos: *dito e feito; bom cobrador, mau pagador; agora foi que a porca torceu o rabo*.

Coseriu (1981) foi um dos primeiros a tentar definir um termo para estas expressões quando classificou as uniões de palavras de determinada língua em duas categorias: **discurso livre**, quando elas se unem de forma aleatória e **discurso repetido** como aquelas pré-estabelecidas e repetidas no discurso comunicativo.

Segundo o autor, as combinações livres seguem as regras gramaticais da língua, ao passo que as combinações fixas podem não obedecer estas regras. As características apontadas pelo linguista para o segundo grupo são: a repetição, na fala, dessas estruturas, a possível fuga das regras gramaticais em uso na língua e a possível variação de um dos elementos da composição.

Dentro da classificação proposta por Coseriu ele inclui desde a união de adjetivos a orações religiosas, divididas em três grupos: colocações, sintagmas estereotipados e perífrases léxicas. No primeiro grupo estariam refrões, frases proverbiais, ditos, sentenças, citações, fragmentos literários, poemas e orações religiosas. Por essa abrangência, esta classificação é criticada como pouco rigorosa pelos demais linguistas.

Tristá (1988), por sua vez, acredita que devem ser classificadas como UF todas as combinações de duas ou mais palavras que apresentem fixação no uso. A autora, assim como Casares, propõe uma distinção em **locuções, frases proverbiais e refrães**, que são divididas em dois grupos.

O primeiro inclui aqueles que possuem um indicador mínimo de que seja um fraseologismo. Ao segundo grupo pertencem as UF que não apresentam indicador do que são.

As unidades do primeiro grupo não possuem sentido próprio fora da expressão. Neste grupo, estão as unidades que apresentam anomalias léxicas, como os que apresentam elementos onomatopéicos, elementos que necessitam de sentido, que não pertencem à língua geral ou que possuem elementos arcaicos ou históricos. Podem apresentar ainda anomalias semânticas como a não concordância semântica. Podemos citar como exemplos desse grupo:

Ser da mesma *laia*;

Misturar alhos com *bugalhos*;

Pegar com a boca na *botija*.

Os termos destacados nas unidades acima (*laia*, *bugalhos* e *botija*) não são frequentemente usadas em combinações livres. Elas necessitam de sentido, são arcaicas ou históricas.

No segundo grupo, figuram as unidades que apresentam homônimos, ou seja, existe uma combinação livre, onde as palavras podem ser combinadas com quaisquer outras. Nesse sentido, diz-se que a palavra foi usada em sentido direto. Existe também a combinação fixa, na qual a palavra apresenta sentido figurado. Para tornar claro essa distinção, a autora apresenta exemplos comuns no espanhol.

Em português, podemos citar como exemplo “**descascar abacaxi**”. Esta combinação, a depender da situação pode ser uma combinação **livre** ou **fixa**. Livre se esta se refere ao ato de descascar a fruta e fixa se é utilizada em seu sentido figurado de “resolver um problema”.

Tagnin (1989) em *Expressões idiomáticas e convencionais* – livro reimpresso mais tarde como *O jeito que a gente diz (2005)* com o acréscimo de um capítulo sobre as

colocações - propõe um estudo sobre as UF, tomando a fraseologia em uma concepção ampla na qual se inserem desde as colocações até os provérbios. Neste trabalho, dedica-se a “unidades linguísticas convencionais” que, para a autora, são expressões marcadas por sua convencionalidade e idiomaticidade, além da fixação apresentada por elas. Embora admita que, em um sentido amplo, nem todas serão idiomáticas.

A classificação proposta por Tagnin considera as **coligações** como junção de palavras na qual uma delas é gramatical (preposição), diferente das **colocações** que são classificadas como junções de “palavras de conteúdo” que ocorrem sempre juntas, subdividindo-as em **adjetivas, nominais, verbais** ou **adverbiais**, de acordo com as classes de palavras que as compõem, além de **expressões especificadoras de unidades** ou valor partitivo e os **coletivos**.

A autora também cita os **binômios** como forma de colocação formada por palavras da mesma classe gramatical, ligadas por uma conjunção ou preposição. Apresenta ainda as **expressões idiomáticas**, que se diferem das **convencionais** por estas serem transparentes em seu significado. Tagnin cita ainda os **marcadores conversacionais** como expressões exigidas pela situação diferenciando-os das denominadas **fórmulas situacionais** que abarcariam as **fórmulas de polidez** e **distanciamento**, os **provérbios, frases feitas, citações** e **fórmulas de rotina**.

Abaixo, simplificamos a classificação de Tagnin no esquema com os respectivos exemplos da autora:

- Coligações: *obedecer a; confiar em.*

- Colocações

Adjetivas: *amigo ítimo; prato principal.*
 Nominais: *sal grosso; praça pública.*
 Verbais: *fazer uma piada; criar problemas.*
 Adverbiais: *chorar copiosamente; levar a sério.*
 Binômios: *cama e mesa; cães e gatos.*
 Expressões especificadoras de unidades: *uma salva de palmas.*
 Coletivos: *um bando de pássaros; uma ninhada de pintinhos.*

- Expressões convencionais: *estar de folga; para seu próprio bem.*

- Expressões idiomáticas: *bater papo; pé-de-meia.*

- Marcadores conversacionais: *a meu ver; por falar em.*

- Fórmulas situacionais

Fórmulas de polidez: *será que eu posso falar com você.*
 Fórmulas de distanciamento: *parece que está chovendo.*
 Frases feitas: *não seja infantil; falando do diabo.*
 Citações: *ser ou não ser, eis a questão.*
 Provérbios: *nem tudo que reluz é ouro; tal pai, tal filho.*
 Fórmulas de rotina: *até logo, até mais tarde.*

Corpas Pastor (1996), em seu *Manual de Fraseología Española*, define e classifica as UF. A autora inclui em sua classificação as composições fixas de duas ou mais palavras, até o nível da oração composta que apresentam estabilidade na língua e idiomaticidade. Propõe uma classificação destas estruturas em dois grupos: aqueles que não apresentam autonomia na língua e os que apresentam, sendo utilizadas com sentido completo. No primeiro grupo, a autora elenca as **colocações** e **locuções**, como elementos oracionais, ou seja, necessitam estar em uma oração. No segundo, os **enunciados fraseológicos**, que apresentam sentido por si mesmo.

A autora considera as **colocações** como elementos oracionais que, pelo sistema da língua, poderiam ser consideradas livres, mas que apresentam certo grau de fixação por ser a forma mais usual pelos falantes diante de tantas possibilidades possíveis na língua. Podem ser formadas por:

- Substantivo + verbo

Exemplo: *correr um rumor*

- Verbo + substantivo

Exemplo: *desempenhar um papel.*

- Adjetivo + substantivo

Exemplo: *fonte fidedigna*

- Verbo + advérbio

Exemplo: *chorar amargamente*

- Adjetivo + advérbio

Exemplo: *estritamente ligado*

As **locuções**, por sua vez, são unidades fixas no sistema da língua. Estas unidades são consideradas, assim como as colocações, elementos oracionais. Segundo a autora, apresentam fixação interna e externa, além de unidade de significado. As classifica de acordo com as funções que desempenham na oração em:

Nominais: mosca morta;

Adjetivas: sã e salvo;

Adverbiais: às claras;

Verbais: ir e vir;

Prepositivas: com vistas a;

Conjuntivas: a fim de que;

Clausulares: sair o tiro pela culatra.

O terceiro grupo proposto pela autora é composto pelos **enunciados fraseológicos**, que são enunciados fixos e completos em sentido. Neste grupo, de acordo com a autora, encontramos as **parêmi**as e as **fórmulas de rotina**.

As parêmi

as são textos autônomos sintática e textualmente, que apresentam fixação lexical, valor de verdade geral e caráter anônimo. Por exemplo: *A ocasião faz o ladrão*.

Entre as parêmi

as estariam os enunciados de valor específico que não apresentam a característica de valor de verdade e podem ser conjugados em número e pessoa. Exemplo: *Juntar a fome com a vontade de comer*.

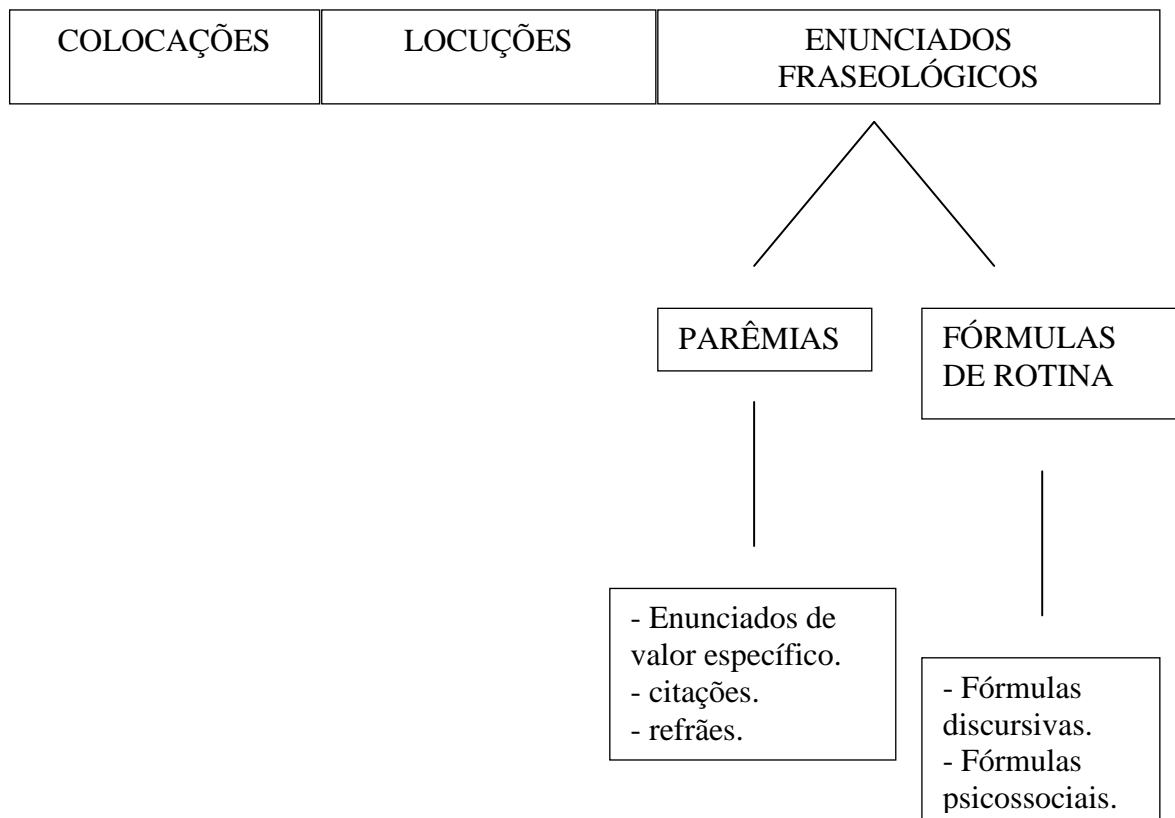
As citações que se diferenciam dos refrões por serem de origem conhecida, como “*verde que te quero verde*”, uma citação de García Lorca.

Os refrões que são de origem desconhecida e que a autora considera parêmi

as por excelência por apresentarem todas as características. Como exemplo, temos: *Deus ajuda a quem cedo madruga*.

O segundo grupo dos enunciados fraseológicos é composto pelas **formúlas de rotina** que possuem características de enunciados completos, mas não possuem autonomia textual, além de serem determinadas pela situação de comunicação. Estas, por sua vez, dividem-se em *fórmulas discursivas*(*como estás?, tudo bem?*) e *fórmulas psicossociais* (*sinto muito*).

Esquemmatizando, a classificação de Corpas Pastor ficaria assim:



Ruiz Gurillo (1997), assim como os demais autores acima citados, propõe uma classificação entre as unidades que apresentam sentido completo e as que não apresentam. A diferença proposta por Gurillo é que ela só considera as unidades equivalentes a uma palavra ou sintagma.

A autora diferencia as unidades fraseológicas em centrais e periféricas (conceitos da Escola de Praga). As centrais são aquelas que apresentam maior grau de idiomaticidade e fixação e as periféricas as que apresentam em menor grau essas características.

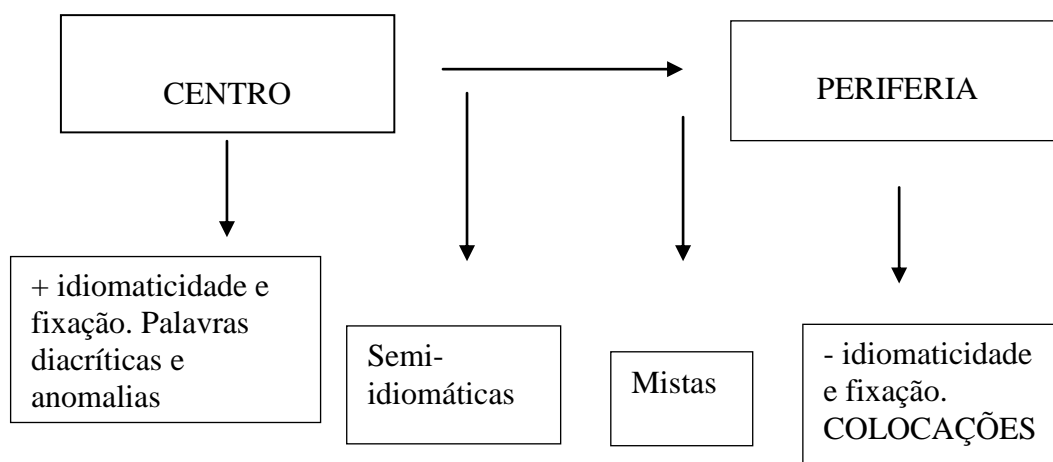
Ruiz Gurillo classifica as UF em sintagmas nominais, verbais e preposicionados de acordo com a função que desempenham. São exemplos da autora:

Nominais: tendão de Aquiles, mesa eleitoral.

Verbais: vender gato por lebre, perder tempo.

Preposicionados: a trancos e barrancos, a duras penas.

Estes sintagmas, propostos por Gurillo (*op. cit*) variam de um centro à periferia à medida que são mais ou menos fixos, sendo, assim mais ou menos variáveis. Dentro dessa proposta, haveria as UF totalmente fixas e idiomáticas, com palavras diacríticas e anomalias estruturais, que ocupariam o centro ou zona nuclear das UF. Seguindo esta linearidade, estariam as UF semi-idiomáticas, mistas e as colocações, que apresentam menor grau de idiomaticidade e fixação.



Ortiz Alvarez (2000), em sua tese de doutorado, faz um estudo contrastivo entre o português do Brasil e o espanhol de Cuba e sobre as implicações das expressões idiomáticas (EI) no ensino de português língua estrangeira. A autora defende ainda o ensino das UF em inúmeros artigos como, *As expressões idiomáticas no ensino de Espanhol Língua Estrangeira: um bicho de sete cabeças?*

Para chegar às EIs, a autora faz um levantamento dos estudos fraseológicos, considerando as características e classificações adotadas por diferentes teóricos para as diferentes unidades fraseológicas. Em seguida, Ortiz diferencia seu objeto de estudo das demais unidades fraseológicas abordadas pela fraseologia em sentido amplo.

A autora considera UF as expressões idiomáticas, foco de seu trabalho, além de locuções, provérbios, frases proverbiais, clichês, gírias, colocações, frases feitas, modismos, idiotismos e refrães. Veremos as distinções entre as várias UF apontadas pela autora:

Expressões Idiomáticas (EIs): o significado da expressão independe dos significados de seus lexemas. Seu sentido é metafórico.

Ex: pagar o pato.

Provérbios: têm vida própria, poder de persuasão e independe de sujeito.

Ex: Deus dá o frio conforme o cobertor.

Frases proverbiais: provêm dos provérbios, mas necessitam de sujeito.

Ex: matar dois coelhos com uma cajadada só.

Gíria: expressões passageiras próprias de determinado grupo.

Ex: tipo assim (utilizada pelos jovens paulistanos), barra pesada.

Colocações: combinação recorrente de ocorrência arbitrária.

Ex: cometer um crime.

Locuções: combinação lexical com função gramatical.

Ex: às pressas, nossa senhora!

Clichê: “desvio estilístico banalizado pela repetição.”

Ex: flor dos anos

Frases feitas: combinações fixas que fogem às regras semânticas e sintáticas.

Modismos: expressões que fogem às regras gramaticais gerais.

Idiotismo: expressão que foge à regra gramatical e é próprio de uma língua.

Refrão: expressões mais breves que os provérbios e que servem como muletinhas ao falante.

Ex: como se costuma dizer.

As características que tornam estas categorias comuns para que sejam consideradas UF são a pluriverbalidade, repetição de uso e fixação em variados graus.

O ensino da UF tem sido o foco de pesquisas desenvolvidas por linguistas do Brasil e da Europa. Estes trabalhos trouxeram reflexões e análises do ensino das UF sob variados aspectos.

Fulgêncio (2008) faz um estudo da estrutura das expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro tendo como *corpus* 8000 expressões fixas utilizadas no Brasil.

Nogueira (2008) em sua dissertação de mestrado realizou uma pesquisa sobre a presença das expressões idiomáticas no ensino de espanhol através da análise de materiais didáticos e da abordagem do professor em sala de aula.

Em Portugal, Guilhermina Jorge, que também se dedicou ao estudo das expressões idiomáticas, publicou um artigo intitulado *Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural* (2001) no qual faz uma relação destas UF com a identidade cultural do falante. Além de *reflexões em torno da tradutologia das construções fraseológicas na perspectiva interlínguas*, no qual a autora discute sobre a tradução destas expressões em vista de sua relação com a cultura, o que a peculiariza a determinada língua.

Na Espanha, em 2008, Alvarado Ortega defendeu a tese de título “Las fórmulas rutinarias em el español actual” com o objetivo de estudar, classificar e relacioná-las à atitude do falante.

Algumas pesquisas tinham por objetivo a análise de livros didáticos e reflexões acerca do tratamento destas expressões nestes materiais. A área que se dedica ao ensino das UF, dentro da Fraseologia, é chamada de Fraseodidática. Abaixo mencionamos alguns destes trabalhos.

Ruiz Gurillo (2000) em artigo intitulado *Un enfoque didáctico de la fraseología española para extranjeros*, faz uma análise dos manuais voltados ao ensino de ELE e a abordagem das UF por seus autores. Em sua análise, a autora conclui que os materiais apresentam as UF em listas com exercícios que, em sua opinião, não são suficientes.

Após a análise dos materiais, Gurillo propõe alguns exercícios para o trabalho com as UF, considerando sua estrutura formal, função, significado e emprego/uso. A

proposta da autora considera também as categorias de UF – fórmulas de rotina, provérbios, locuções – bem como suas características – grau de idiomaticidade, enfoque cultural.

Pamies Bertrán & Iñesta Mena (2002) consideram a fraseologia em sentido amplo, bem como as características citadas pelos autores anteriores. Porém, os autores chamam a atenção para o fato de que estes traços podem ocorrer em maior ou menor grau a depender da expressão fraseológica. Em *Fraseologia y Metáfora* dedicam-se ao estudo das unidades fraseológicas sob os postulados da semântica cognitiva e da lexicologia empírica, tendo como base as propostas de Lakoff & Johnson (1980), Gibbs (1990) e outros

Os autores buscam aplicar às UFs, modelos icônicos ou arquetipos, traçando um universal fraseológico e, para isso, fazem um levantamento de 2000 UFs, representadas em 25 línguas em busca das que poderiam se enquadrar nesse universal.

Eres Fernández *et al.* (2004) em *Expresiones Idiomáticas: valores y usos* trazem uma proposta de abordagem das EIs no ensino de Espanhol Língua Estrangeira (ELE). No livro, as autoras propõem quatro etapas que podem ser seguidas no ensino das EIs: apresentação, significado e uso, utilização e memorização. Estas etapas seguiriam o nível de aprendizado dos alunos, indo do básico ao avançado. As autoras propõem na obra exercícios e propostas didáticas que visam a facilitar o ensino de ELE a falantes do português.

Em 2005, as autoras citadas acima publicaram um artigo no qual analisam o tratamento dispensado às EIs em seis manuais de ensino de ELE. Para tanto, elas consideraram os níveis estabelecidos no trabalho anterior.

González-Rey (2007) em seu trabalho *La didactique du français idiomatique*, oferece um manual da fraseologia francesa com o objetivo de auxiliar os professores de FLE. A autora traça um panorama dos estudos fraseológicos e reflete sobre o ensino das expressões fixas, o papel do aluno e do professor e sobre a importância do estudo destas unidades da língua. Ela realiza ainda uma análise dos manuais disponíveis para o ensino do FLE com relação ao tratamento das UF nestes materiais e constata que embora elas estejam presentes, não recebem ainda um tratamento adequado a seu aprendizado.

No decorrer deste trabalho, adotaremos o termo **Unidade Fraseológica** – doravante UF - por ser este o mais utilizado por nossa base teórica e por concordarmos ser este o termo mais adequado para referir-se a este grupo de expressões. Consideramos que as demais nomenclaturas prendem-se a apenas umas das características deste grupo de expressões, seja a pluriverbalidade, a fixação ou a idiomaticidade.

Tomaremos como base para a análise dos dados, a Fraseologia em sentido **amplo**, englobando desde combinações simples, compostas por duas ou mais palavras, considerados componentes oracionais, àquelas mais complexas, tidas como pequenos textos autônomos, os provérbios. Com base na classificação proposta por Corpas Pastor, optamos por analisar as categorias: Fórmulas de rotina, colocações e provérbios. Acrescentamos, ainda, as expressões idiomáticas, pois estas são UF que apresentam uma definição estabelecida. Assim, temos as seguintes categorias de análise:

1. Fórmulas de rotina
2. Colocações
3. Expressões idiomáticas (EI)
4. Provérbios

2.4.1 As unidades fraseológicas: características

O foco de nossa análise, como foi exposto até aqui, são as unidades fraseológicas (UF), mais especificamente, o tratamento dispensado a estas no livro didático de Português Língua não Materna (PLnM). Mas, o que são UF? Que expressões são consideradas UF? Que características estas expressões têm de apresentar para que sejam consideradas UF? Neste capítulo, tentaremos trazer respostas a essas perguntas.

Para uma definição de UF, faremos primeiro um levantamento das características apresentadas por este grupo de expressões, apontadas por estudiosos da Fraseologia.

Para que uma expressão seja considerada UF, ela deve ser **pluriverbal**, ou seja, composta por, no mínimo, duas palavras. A pluriverbalidade é característica apontada por autores como Tristá (1988) e Corpas Pastor (1996).

No entanto, autores como González-Rey (2007) expande o conceito de unidade fraseológica, ao que denomina unidade fixa, e inclui neste grupo desde as expressões idiomáticas a sintagmas idiomáticos, ou seja, idiomatismos formados por apenas uma palavra,

como os marcadores de conversação, como por exemplo, “então”. E os sintagmas imaginados a partir de termos concretos (animais, corpo humano, cores), como os zoomorfismos e os somatismos, incluindo neste grupo as onomatopeias.

Outro ponto comum às chamadas UF é uma característica sintática, que é a **Fixação** apresentada pelas unidades compostas de duas ou mais palavras. Entende-se por fixação a capacidade que as unidades fraseológicas possuem de serem utilizadas como formas pré-estabelecidas, não sendo meras combinações livres de palavras. Por serem fixas, as UF são aprendidas no dia-a-dia por repetição de uso ou força de uso repetido.

São, portanto, uniões fixas que são sempre utilizadas em bloco, da forma que se repetem na língua. Elas pertencem ao acervo léxico dos falantes antes mesmo de serem repetidas, não sendo produzidas por eles, pois já estão feitas. Com isso, entendemos que as UF sofrem poucas ou nenhuma variação ou inovações na forma utilizada. Um consenso entre os autores é que a fixação é um traço diferencial das UF.

Outra característica comum às UF, embora não se faça presente em todas, é a **Idiomaticidade**, ou seja, o fato de os componentes da unidade não manterem seu sentido literal. Assim, o valor semântico do todo não é o mesmo que adquirem as palavras isoladas. Elas possuem um sentido idiomatizado, convencionado pela sociedade e adquirido pela repetição de uso.

Vale ressaltar que idiomático, aqui, não deve ser interpretado como algo pertencente a apenas um idioma. Significa, de acordo com Tagnin (2005) o que não é transparente, aquilo que apresenta opacidade em seu significado. A autora distingue ainda idiomaticidade de **convencionalidade**, sendo esta algo que é comumente usado, consolidado pelo uso e que é aceito pela sociedade. Neste caso, não necessariamente há opacidade na expressão, mas existe uma convenção de como e em que momento utilizar ditas expressões.

Fixação e idiomaticidade são os traços que caracterizam as UF a partir das quais surgem os demais como: reprodução em bloco e frequência de uso. No entanto, segundo Ruiz Gurillo (1997), a fixação é a principal característica, pois as UF são sempre fixas, mas nem sempre apresentam idiomaticidade. A fixação colabora ainda para que estas unidades apresentem componentes léxicos inseparáveis e sejam memorizadas pelos falantes como um todo, o que reforça a ideia de unidade.

Após as características elencadas acima, podemos definir UF como **expressão formada por duas ou mais palavras, que apresenta grau de fixação e repetição de uso na língua.**

De acordo com as características e classificações propostas pelos teóricos aqui citados, traçamos quatro categorias de UF, que serão utilizadas como parâmetro que norteará nossa análise de dados. As categorias são: **fórmulas de rotina, colocações, expressões idiomáticas e provérbios.**

2.4.1.1 Fórmulas de Rotina

As fórmulas de rotina são expressões utilizadas no cotidiano como indicadores de uma boa educação. Elas são utilizadas para cumprimentar, agradecer, despedir-se, desculpar-se, interromper uma conversa, fazer um pedido, apresentar-se, etc. O não uso destas expressões, a depender da cultura, deixa o falante na condição de mal educado.

Estas expressões são exigidas pelo contexto e são repetidas a depender da situação. São consideradas UF por se apresentarem sempre da mesma forma, portanto são expressões fixas, convencionadas pela sociedade de fala. Ditas UF tiveram seu uso cristalizado em determinada situação, ou seja, foram convencionadas para ocasiões específicas da comunicação. Segundo Alvarado Ortega (2008), estas expressões têm caráter de enunciado e necessitam de uma autonomia determinada pelo contexto de uso.

Cumprimentar: tudo bem?; Como está?;

Agradecer: muito obrigado (a).

Despedir-se: até logo; até mais; até breve.

Desculpar-se: sinto muito;

Interromper ou fazer um pedido: com licença; por favor; por gentileza; por obséquio.

Apresentar/conhecer alguém: muito prazer; seja bem vindo;

Alguns estudiosos se dedicam ao estudo destas expressões, como:

Glenk (2007) considera as fórmulas de rotina como expressões que seriam a porta de entrada para padrões interacionais.

No espanhol, Alvarado Ortega (2008), em sua tese realizada na Universidade de Alicante, faz um levantamento das fórmulas de rotina presentes no espanhol atual.

A seguir, trataremos das colocações.

2.4.1.2 Colocações

Atribui-se a J. R. Firth (1957), o termo *collocation*, utilizado pelo autor para referir-se a grupos de palavras fixados pelo uso em determinada língua. As **colocações**, ao contrário das fórmulas de rotina, não são exigidas pelo contexto. São expressões que foram usadas sempre na mesma ordem e assim foram convencionadas. Estas UF apresentam fixação e necessitam estar em uma oração para que adquiram sentido, pois não são autônomas.

As colocações são, portanto, grupos de palavras que, geralmente, ocorrem juntas por força da repetição de uso. Devido a esta co-ocorrência, são consideradas unidades lexicais. Tagnin (2005) as classifica de acordo com sua composição em:

Nominais: *pelotão de fuzilamento; praça pública.*

Verbais: *criar problema; tomar cuidado.*

Adjetivas: *prato principal; jantar a rigor.*

Adverbiais: *levar a sério, amar cegamente.*

Corpas Pastor (1996) define as colocações como composições de palavras que apresentam certo grau de fixação consagrada pelo uso, mas que, do ponto de vista do sistema

da língua, seriam sintagmas livres, gerados a partir de regras. Tagnin (2005) acrescenta que, nestas expressões, um elemento é pleno semanticamente e o outro não tem valor por si só. As últimas são denominadas “colocado” e a primeira, “base”, este é determinado pela palavra plena. Como exemplo, ela cita *velha coroca*, onde *velha* seria a base e *coroca* o colocado.

No próximo subitem, trataremos das expressões idiomáticas.

2.4.1.3 Expressões Idiomáticas (EIs)

As **expressões idiomáticas** são expressões formadas por duas ou mais palavras que apresentam graus de fixação, cujo valor semântico não corresponde à soma de seus elementos. Elas foram convencionadas pela comunidade de fala e não possuem significado transparente, ou seja, não podem ser compreendidas pelo significado de seus elementos isolados. Então, “não se pode mais recuperar essa relação, (...) de sentido totalmente arbitrário”. (TAGNIN, 2005, P. 69).

As EIs perderam totalmente o valor semântico de seus elementos isolados e adquiriram um valor convencionado pela sociedade, ou seja, o plano da expressão não corresponde ao plano do conteúdo, são, portanto, idiomáticas já que seu significado, na maioria dos casos, é opaco por não ser deduzido por suas partes. Estas UF não são autônomas, elas carecem de um sujeito determinado para que sejam inseridas na oração, no discurso. Estas expressões fazem parte das línguas e, segundo Jorge (2001, p. 216) elas

descrevem, pelas imagens que sugerem, o mundo real, os lugares, as experiências quotidianas, os sentires... Mantêm intacto o colorido de um povo, constituem uma voz rica de sabedoria que soube imprimir na linguagem a sua identidade.

São as EIs que melhor representam as UF, pois apresentam todas as categorias definidoras destas expressões:

Pluriverbalidade: são formadas por duas ou mais palavras. **Ex:** pisar em ovos; No (a) frigar/fritada dos ovos.

Fixação: são utilizadas quase sempre da mesma forma. Há graus de fixação, podendo as EIs ser mais ou menos fixas. **Ex:** engolir sapos.

Idiomaticidade: seu significado não corresponde à soma de seus elementos. **Ex:** pagar o pato.

Convencionalidade: foram aceitas e repetidas pela sociedade. **Ex:** chutar o balde.

As EIs são utilizadas para dar maior expressividade ao enunciado. São usadas naturalmente a ponto de passarem despercebidas por falantes nativos da língua, já que são automaticamente acessadas pelo interlocutor que compartilha esta língua. Sobre elas muitos trabalhos foram e são desenvolvidos:

Jorge (1997) trata das dificuldades de tradução destas expressões. E (2001) relaciona as EIs à cultura e identidade cultural do falante que a utiliza.

Ortiz Alvarez (2000), em sua tese, dedica-se ao ensino das EIs em PLE, comparando o português do Brasil com o espanhol de Cuba.

Pedro (2007), em sua dissertação de mestrado, trata das EIs e de seu ensino para uruguaios.

Nogueira (2008) considera as EIs no ensino de Espanhol como língua estrangeira (ELE) para brasileiros.

2.4.1.4 Provérbios

Os **provérbios** são as UF que primeiro despertaram a curiosidade dos estudiosos estando em compilações e tesouros do século XV. São fórmulas que possuem autonomia textual, não necessitando de sujeito, são orações completas. A autonomia atribuída a estes se deve ao fato de que eles não necessitam de sujeito, “têm vida própria, apresentam um grau de generalidade e são introduzidos no discurso.” (PEDRO, 2007). Eles apresentam alto grau de fixação e passam um ensinamento moral que refletem ensinamentos da cultura na qual são utilizados.

A origem dos provérbios é, geralmente, desconhecida e a repetição destes bem como sua passagem de geração a geração confere-lhes o valor de verdade que apresentam. Dessa forma, são introduzidos no discurso com a intenção de trazer um ensinamento, lição ou moral, isentando o falante da responsabilidade.

Estes pequenos textos são objetos de estudo da Paremiologia, área bastante desenvolvida com a realização de simpósios, encontros nacionais e internacionais para a discussão sobre o tema, além de revistas de publicação regular. Existe ainda a Associação Internacional de Paremiologia (AIP).

Na Espanha, desde 1993, publica-se a revista *Paremia*, dirigida por Julia Sevilla Muñoz, professora da Universidade Complutense de Madri. A revista tem o objetivo de divulgar as pesquisas sobre refrões, máximas, provérbios, aforismos e demais enunciados fraseológicos, todos sob a denominação geral de parêmia.

Na mesma universidade, também sob a coordenação de Sevilla Muñoz juntamente com Presa Gonzalez, foi criado o primeiro doutorado na área de fraseologia e paremiologia.

Existem também as revistas *De proverbio* (Universidade de Tasmânia, Austrália) e a Revista *Proverbium* (Universidade de Vermont, Burlington, Estados Unidos), desde 1995.

Na cidade portuguesa de Tavira, realizar-se-á em 2011 a 5º edição do colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios que teve sua primeira edição em 2007, com o propósito de reunir pesquisadores da área para discutir o tema.

Em 2011 acontecerá na Universidade Paris Diderot o Colóquio Internacional de Paremiologia, reunindo pesquisadores de todo o mundo para discutir os provérbios sob a perspectiva pluridisciplinar e intercultural.

Embora os provérbios sejam objeto de estudo da Paremiologia, a concepção ampla em que estamos adotando a Fraseologia nos permite incluí-los em nossos estudos como uma categoria de UF.

Tratamos até aqui dos estudos fraseológicos e das categorias de análise. No capítulo seguinte, apresentaremos a metodologia adotada nesta pesquisa, o *corpus* e os procedimentos seguidos.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa que tem como foco a análise de livros didáticos utilizados para o ensino de português a falantes de outras línguas. Consiste em uma análise documental, visto que está baseada em um *corpus* a partir do levantamento dos principais livros didáticos, documentos, produzidos para o ensino de PLnM.



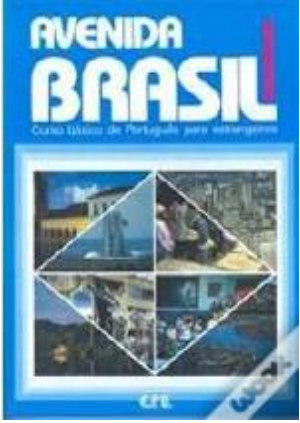
Após a seleção dos livros, procedemos ao levantamento das unidades fraseológicas presentes neles. Consideramos para isso, a apresentação dos autores sobre a proposta teórica na qual o material se insere, além da análise da estrutura dos LDs.

Após o levantamento dos dados, estes foram analisados e interpretados de maneira qualitativa com base nas atividades propostas.

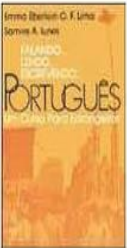

3.1 Amostra

Os livros analisados neste trabalho estão elencados na tabela abaixo:

Tabela 1 – Livros didáticos analisados

TÍTULO	AUTORES	EDITORA, LOCAL E DATA	NÍVEL
<p>Português Básico para Estrangeiros</p> 	Rejane de Oliveira Slade	Brooklyn, New York: Mill River Press, 1993	Básico, intermediário e avançado
<p>Sempre Amigos</p> 	Elizabeth Fontão, Pierre Coudry	Campinas, SP: Pontes, 2000	Básico
<p>Avenida Brasil</p> 	Emma Eberlein O F Lima, Iutz Rohrmann, Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweilwr, Samira Abirad lunes.	São Paulo: Editora E.P.U 1991 (13° reimpressão 2009)	Básico

<p>Diálogo Brasil</p> 	<p>Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes e Marina Ribeiro Leite</p>	<p>São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2003</p>	<p>Básico e Intermediário</p>
<p>Aprendendo Português do Brasil</p> 	<p>Maria Nazaré de Carvalho Laroça, Nadime Bara, Sonia Maria da Cunha Pereira.</p>	<p>Campinas, SP: Pontes, 2003</p>	<p>Básico</p>
<p>Estação Brasil</p> 	<p>Ana Cecília Bizon e Elizabeth Fontão</p>	<p>Campinas: Editora Átomo, 2005</p>	<p>Básico, intermediário e avançado</p>
<p>Tudo Bem?</p> 	<p>Maria Harumi Otuki de Ponce, Silvia R. B. Andrade Burim e Susanna Florissi</p>	<p>São Paulo: SBS, 2008</p>	<p>Jovens a partir de 11 anos</p>

<p>Falando, lendo, escrevendo português: um curso para estrangeiros</p> 	<p>Emma Eberlein O. F. Lima & Samira A Iunes</p>	<p>São Paulo: EPU, 2009</p>	<p>Básico</p>
<p>Bem-Vindo!</p> 	<p>Maria Harumi de Ponce, Silvia Andrade Burim, Susanna Florissi</p>	<p>São Paulo: SBS editora, 2009</p>	<p>Iniciante ao pós- Intermediário</p>

3.2 Procedimentos

O interesse em se estudar as unidades fraseológicas e verificar o tratamento dispensado a elas em materiais didáticos surgiu ao percebermos que estes elementos estão presentes em todas as línguas, sendo constantemente utilizados por seus falantes nativos. Entretanto, nossa experiência no estudo de línguas estrangeiras nos mostra que estas expressões não costumam fazer parte do conteúdo abordado nas aulas, especialmente nos livros didáticos. Com base nisso, optamos por analisar livros didáticos de ensino de Português como língua estrangeira.

Inicialmente, fizemos um levantamento da bibliografia da área sobre a teoria fraseológica até os dias de hoje, tomando como referência os principais autores europeus e brasileiros.

Após a leitura da bibliografia, procedemos à escolha dos livros didáticos dos quais selecionamos nosso corpus. Optamos por 9 livros voltados ao ensino de PLE. A escolha deu-se com base nos principais materiais adotados em núcleos de ensino de PLE, sediados nas universidades brasileiras, de acordo com lista apresentada em artigo de Almeida Filho (2009).

Para verificar a presença das UF nos materiais selecionados, traçamos, com base na teoria fraseológica, categorias de UF que serviram de base para o levantamento dos dados. As categorias elencadas foram:

Fórmulas de rotina: São expressões que tiveram seu uso cristalizado em determinada situação, ou seja, foram convencionadas para ocasiões específicas da comunicação. Segundo Alvarado Ortega (2008), estas expressões têm caráter de enunciado e necessitam de uma autonomia determinada pelo contexto de uso. São exemplos:

Bom dia;

Até logo;

Tudo bem?

Com licença.

Provérbios: São pequenos textos que apresentam uma moral ou um ensinamento. Estes textos possuem certa autonomia, pois não necessitam de sujeito, “têm vida própria, apresentam um grau de generalidade e são introduzidos no discurso.” (PEDRO, 2007). Como exemplo, podemos citar:

Filho de peixe, peixinho é;

Em casa de ferreiro, espeto de pau;

Quem tudo quer, tudo perde;

Mais vale um pássaro na mão que dois voando.

Expressões Idiomáticas: São expressões formadas por duas ou mais palavras cujo valor semântico não corresponde à soma de seus elementos, ou seja, o plano da expressão não corresponde ao plano do conteúdo. Elas possuem um significado convencionalizado pela sociedade. Segundo Ortiz Alvarez (2000), ao contrário dos provérbios, as EIs carecem de um sujeito determinado. São exemplos:

Encher linguiça;

Pôr as barbas de molho;

Mala sem alça;

Dor de cotovelo.

Colocações: São palavras que, geralmente, ocorrem juntas por força da repetição de uso. Devido a esta co-ocorrência, são consideradas unidades lexicais. Tagnin (2005) as classifica em nominais, verbais, adjetivas e adverbiais, são exemplos, respectivamente:

Fita isolante;

Tomar providências;

Amigo íntimo;

Levar a sério.

Com base nessas categorias, passamos à observação sistemática dos livros escolhidos, na qual os dados eram anotados.

Após o levantamento das UF presentes nos LDs, procedemos à análise do tratamento dispensado a estes elementos nos materiais citados.

Sistematizando, os procedimentos foram:

1. O levantamento e a leitura da literatura relacionada ao assunto, que vai desde Saussure, passando pelos europeus que se dedicaram à fraseologia até os estudos em fraseologia desenvolvidos no Brasil nos últimos anos.

2. O *corpus* é composto de uma seleção de livros didáticos voltados ao ensino de Português Língua Estrangeira. Seleção feita entre os materiais mais utilizados por profissionais que se dedicam ao ensino de PLE e que são constantemente citados em pesquisas da área como, por exemplo, Almeida Filho (2009).

3. Foram traçadas as categorias de análise: fórmulas de rotina; expressões idiomáticas; provérbios; colocações.

4. Verificamos que tipos de UF são contempladas nestes materiais e qual a finalidade dos autores ao abordarem o ensino destas unidades. Para a análise dos dados, tomamos como base os níveis propostos por Éres Fernández *et al.* (2004):

1. Apresentação das UF.

2. Significados e usos.

3. Uso das UF.

4. Memorização.

Os seguintes questionamentos nortearam esta análise:

- ✓ Que atividades são realizadas acerca das UF?
- ✓ Em que nível estas atividades se inserem?
- ✓ As atividades propostas contribuem para a aprendizagem das UF por parte dos alunos?

No capítulo que segue, apresentamos a análise dos livros e o tratamento dispensado às UF nesses materiais.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS LIVROS

4.1 Os livros didáticos

Os livros didáticos de PLE analisados nesta dissertação se propõem a possibilitar a falantes de outras línguas um conhecimento sobre a língua portuguesa na variedade falada no Brasil e também apresentar ao mundo a cultura e os costumes peculiares aos falantes desta língua. Os LDs apresentam a cultura brasileira inicialmente em seus títulos e imagens que trazem na capa.

Alguns títulos como *Estação Brasil* e *Avenida Brasil* sugerem uma parada em nosso país e fazem referência a lugares populares nas grandes cidades brasileiras, lembrando a estação Central do Brasil e a Avenida Brasil, ambos do Rio de Janeiro. *Aprendendo português do Brasil*, *Falando, lendo, escrevendo português do Brasil* e *Diálogo Brasil* deixam claro, no título, qual idioma será focado no material.

Outros ainda utilizam expressões cristalizadas do português em seus títulos, estabelecendo um contato com o aluno aprendiz, são exemplos os livros *Tube bem?* e *Bem-vindo!*

As capas destes LDs também trazem representações do povo brasileiro, como lugares (as praias, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar) e personagens típicos do Brasil (baianas, mulatas, jangadeiros), além de araras e tucanos que também enfeitam estes materiais.

A seguir, analisamos a estrutura destes materiais seguida do tratamento dispensado às UF. Analisamos as atividades considerando o nível de aprendizagem e a etapa na qual se insere a atividade. As etapas que utilizamos são: apresentação, compreensão, utilização e memorização das UF, propostas por Rádiz Baptista (2006). Segundo a autora, para cada um desses níveis há atividades adequadas que facilitarão a aprendizagem das UF pelos alunos.

4.1.1 Português básico para estrangeiros

Português Básico para Estrangeiros (Slade, 1993), o mais antigo dentre os livros analisados, traz como objetivo, em seu prefácio, “ensinar a língua portuguesa de modo interessante, prático e rápido”. É uma proposta de ensino que vai do nível básico ao avançado gradativamente no decorrer das unidades. A autora propõe ainda o conhecimento da cultura, história e geografia do Brasil. Esses aspectos são, segundo a autora, apresentados em textos diálogos e gráficos.

O livro está organizado em 39 lições antecedidas por uma lista de cumprimentos e nacionalidades. As lições são constituídas de pequenos textos e diálogos, seguidos de perguntas sobre eles. Conteúdos gramaticais e exercícios de vocabulário também estão nessas lições.

Ao final são apresentadas listas de conjugação verbal, além de uma lista de “expressões úteis” e alguns conteúdos gramaticais. As lições são compostas de textos e exercícios gramaticais.

As Unidades Fraseológicas

Embora o material dê mais ênfase ao ensino de gramática, há, no livro, a presença de algumas unidades fraseológicas inseridas nas categorias de nossa pesquisa: fórmulas de rotina, provérbios, expressões idiomáticas e colocações.

As **fórmulas de rotina (pag. 8, 9 e 10)** são apresentadas no início do livro, no que se considera nível básico. Expressões utilizadas em contextos determinados – apresentação, desculpas, pedidos de permissão - surgem na primeira unidade em diálogos que sugerem possíveis situações de comunicação: na escola, no banco, no jardim. A seguir, um exemplo de situação possível de ocorrer no jardim:

Dona Alda: - Oi, Pedrinho, *tudo bem?*

Pedrinho: - *Tudo ótimo*. E a senhora, dona Alda?

Dona Alda: - *Tudo bem*, obrigada. *Até logo*.

Pedrinho: - *Até logo*.

Entretanto, estas UF não são inseridas em atividades. Elas são apenas lidas em diálogos prontos, o que se poderia justificar por ser o nível básico, ou seja, apenas apresentação das expressões, neste caso, em seu contexto de uso.

Os **provérbios (pag. 214)** estão presentes na segunda metade do livro, dedicado ao nível intermediário ou avançado. Eles são utilizados em uma atividade de escrita, onde são inseridos e, sobre um deles, deve se escrever uma narrativa para contextualizá-lo. Esta atividade se insere na área de produção na qual se supõe que o estudante já reconhece as UF. Abaixo, alguns dos provérbios sugeridos:

Em terra de cegos quem tem um olho é rei.

Quem não tem cão caça com gato.

Quem ri por último, ri melhor.

Em boca fechada não entra mosquito.

Algumas **expressões idiomáticas (pag. 236)** são destacadas, em negrito, em um texto para o qual se chama a atenção. Embora as EIs estejam em destaque, nenhuma atividade é proposta com base nesse texto ou nessas expressões. No entanto, o professor poderá desenvolver alguma atividade com essas UF, como

- Relacioná-las ao significado;
- Pedir aos alunos que busquem expressões sinônimas;
- Que infiram seu significado a partir da leitura.

No final do livro, a autora oferece uma lista de EIs com seu equivalente em inglês. Lista que pode ser útil em uma busca rápida de equivalentes.

No material, surgem ainda listas de **colocações** que podem ocorrer com alguns verbos como:

Tudo **acabou bem**.

Não me **leve a mal**.

Ele **se saiu** muito **bem** na entrevista ontem.

Ela **morreu de rir** quando leu o artigo no jornal.

Você **fica** muito **bem** com aquele vestido vermelho.

Mais uma vez, não se propõe nenhuma atividade sobre colocações.

Ao final, a autora oferece uma lista mista de “expressões úteis”, na qual estão presentes alguns **provérbios** e **expressões idiomáticas**, além de interjeições e palavras isoladas como: puxa, socorro, bobo, chato, com seus respectivos referentes em inglês.

As quatro categorias de análise foram “citadas” neste material, embora essa abordagem ainda não tenha sido feita de forma mais abrangente, uma vez que as UF surgem mais como meras curiosidades, em listas sem maior aprofundamento.

4.1.2 Sempre amigos

Passemos agora à análise do livro *Sempre Amigos* (Fontão e Coudry, 2000). Este é um livro voltado ao público jovem, por isso se priorizam jogos e brincadeiras. O livro está organizado em 6 módulos e um apêndice.

No primeiro módulo intitulado “a palavra é sua” priorizam-se expressões utilizadas no dia-a-dia, as fórmulas de rotina.

O módulo 2 “organizando as ideias” traz as classes gramaticais do português.

O módulo seguinte “os verbos em ação” traz os verbos ser, estar, ir e outros.

O módulo 4 propõe “jogos” para o estudo das frases.

O 5º módulo trata de curiosidades do esporte, literatura, música e história do Brasil e tem como título “fique por dentro”.

O 6º e último módulo é voltado “para falantes de espanhol” e trata dos falsos amigos, gênero, acentuação e outras semelhanças e diferenças entre as línguas. O apêndice apresenta datas e feriados, escolaridade e curiosidades sobre o Brasil.

As Unidades Fraseológicas

No que concerne ao ensino de estruturas linguísticas, há muito de prescrição gramatical. Quanto ao tratamento das UF, vejamos a seguir.

As UF, neste material, são pouco abordadas em detrimento do ensino gramatical. No entanto, há a presença, no módulo I, ao tratar do dia-a-dia, das **fórmulas de rotina (pag. 2)** quando são apresentados diálogos possíveis nas seguintes situações:

cumprimentar (formal e informal),

despedir-se,

desculpar-se,

interromper,

apresentar-se

identificar-se.

Dentro desses diálogos, surgem as fórmulas utilizadas nestas situações. Por exemplo, despedir:

1. - **Até logo**, seu Diego.

- Até logo.

2. – Tchau, até amanhã.

- Até amanhã.

As fórmulas de rotina são apresentadas no nível básico, ou seja, de apresentação das UF. Elas são lidas em diálogos e são propostas duas atividades de completar outros diálogos para averiguar se houve entendimento por parte dos alunos.

Algumas **expressões idiomáticas** (pag. 15, 20 e 21) surgem como destaque em alguns textos, seguidas de seus significados. Como, por exemplo, **vaca de presépio, engolir sapo, doer pra burro, na ponta da língua**. Estas atividades também estão no nível básico uma vez que são apresentadas para conhecimento dos estudantes.

Neste material não percebemos preocupação com o tratamento das UF. Apenas duas categorias são “citadas”, pois não há atividades propostas com relação a elas.

As EIs estão no texto, mas não se propõe nada a respeito de um estudo mais sistematizado acerca destas.

4.1.3 Diálogo Brasil

Diálogo Brasil: curso intensivo de português para estrangeiros (Lima, Iunes & Leite, 2003) deixa claro no prefácio que seu objetivo é levar o aluno a falar rápido, sendo capaz de comunicar-se corretamente em linguagem coloquial e situações cotidianas. No entanto, neste mesmo prefácio, as autoras afirmam que “a ponte entre reflexão, as aquisições linguísticas e a competência de fala é feita pela aprendizagem da gramática e de sua aplicação em numerosos exercícios.”

O livro se organiza em 15 unidades, divididas da seguinte forma:

Lendo e falando: onde se criam situações de comunicação.

Estudando a língua: voltada ao estudo da gramática.

Conversando: destinada a informações culturais, geográficas e sociais sobre o Brasil.

Conforme o exposto pelas autoras, o material se dedica, em sua quase totalidade ao ensino de gramática, com algumas pinceladas sobre o componente cultural que subjaz a língua.

As Unidades Fraseológicas

Com relação às UF, apenas algumas **fórmulas de rotina (pag. 2 e 3)** como muito prazer e tudo bem?, que são utilizadas como cumprimentos, surgem na primeira unidade, inseridas em diálogos para serem lidos e reproduzidos pelos alunos. Abaixo, um dos trechos, como exemplo:

- Como se escreve? Soletre, **por favor**.
- **Sinto muito**, eu não sei.

4.1.4 Aprendendo português do Brasil

O livro *Aprendendo Português do Brasil* (Laroca, Bara e Pereira, 2003) inicia com uma apresentação em 5 idiomas - português, inglês, francês, espanhol e alemão – onde as autoras definem o objetivo principal do livro como “dar condições ao aluno estrangeiro de dominar, em pouco tempo, as *estruturas fundamentais* da Língua Portuguesa, nas modalidades oral e escrita.” (*grifo nosso*)

Ainda na apresentação, as autoras descrevem as sessões nas quais se dividem as 13 unidades do livro, bem como a função de cada uma delas. Ditas unidades são:

Motivação: uma tira em quadrinhos que insere a unidade;

Uma sessão de **Diálogos**;

Conteúdo gramatical seguido de uma

Aplicação das chamadas “*estruturas linguísticas*”;

Expansão vocabular, onde as autoras propõem apresentar “itens lexicais do cotidiano, com vistas ao enriquecimento vocabular.”;

Atividades que traz “informações sobre a **cultura** popular e a introdução de novas estruturas gramaticais.”

Leitura suplementar é a última sessão e está constituída de um texto que se propõe a levar ao aluno, “textos literários e de informação histórico cultural”.

Pela análise da apresentação do livro, percebemos que as autoras consideram língua dissociada de cultura, vendo cultura apenas como informações sobre comportamentos sociais, música e texto literário. É perceptível também que o termo estruturas linguísticas refere-se meramente a estruturas gramaticais, termo também utilizado pelas autoras. Utiliza-se ainda o termo *estruturas fundamentais da língua* sem definição de quais seriam e porque seriam consideradas fundamentais.

As Unidades Fraseológicas

Analisaremos agora o tratamento dispensado, neste material, às unidades fraseológicas. Algumas UF são abordadas, dentre as quais, fórmulas de rotina, colocações e expressões idiomáticas.

Já no início, na sessão **expansão vocabular (pag. 10)**, as autoras apresentam variadas expressões, fórmulas de rotina e interjeições, utilizadas em:

Agradecimentos (de nada; não tem de quê; muito obrigado),

Apresentação (muito prazer),

Cumprimentos – parabéns - (boa sorte; feliz aniversário),

Cumprimentos – pêsames – (meus pêsames, sinto muito),

Saudações (como vai?; até logo; tudo bem?),

Solicitações (com licença; por favor; por gentileza) ,

Votos (boas festas; feliz natal),

Admiração/alegria (puxa vida; não diga),

Alívio (até que enfim; graças a Deus),

Aplauso (que bom; muito bem),

Desagrado (essa não, puxa vida),

Espanto (nossa senhora; que absurdo).

Na sequência, as **fórmulas de rotina** estudadas são abordadas na sessão **aplicação**, com um exercício onde o aluno deverá relacionar as expressões estudadas com situações de comunicação.

Algumas **colocações** também são tratadas neste material. Dentro do conteúdo gramatical onde se estudam verbos, há uma chamada de atenção para as expressões formadas com determinados verbos com nome, que apresentam um significado diferente do verbo isolado, o que estamos denominando **colocações (pag. 57 e 123)**.

Colocações com os verbos **dar (pag. 47 e 174)** e **pegar (pag 123)** são explicadas e, logo em seguida, inseridas em atividades. Alguns exemplos são:

dar para...

dar tempo de...

pegar carona,

pegar um cinema,

pegar mal.

Outra vez na sessão **expansão vocabular (pag. 178)**, já no final do livro, são apresentadas várias expressões idiomáticas, em lista, com seus respectivos significados.

Na **aplicação (pag. 179)**, as autoras colocaram um texto composto por várias EIs, que o aluno deverá explicar o significado para compreensão do texto. Na sessão **atividades (pag. 181)** as autoras chamam a atenção para a diferença dessas expressões nos diferentes países de língua portuguesa e, ao final, em **leitura suplementar (pag. 182)**, propõem um texto intitulado “jeitinho brasileiro” para exemplificar essas variedades culturais.

Com a análise deste LD, percebemos que, embora as autoras diferenciem língua e cultura, há uma preocupação em abordar as unidades fraseológicas não apenas como curiosidades. Mas, inserindo-as em atividades comunicativas e em textos que mostram o quanto estas expressões são utilizadas naturalmente no cotidiano dos falantes da língua portuguesa.

Os níveis propostos por Rádiz Baptista (2006) são seguidos quando as UF são apresentadas seguidas de atividades de relacionar (captação). As autoras trazem ainda textos para reflexão sobre as UF.

4.1.5 Estação Brasil

Estação Brasil (Bizon & Fontão, 2005), propõe um ensino de línguas voltado ao estudo do texto para alunos que já possuem uma boa proficiência na língua portuguesa.

O livro está dividido em 4 seções:

Questões culturais: traz uma discussão sobre comportamento ou as convencionais do falante brasileiro.

Cidadania e Cotidiano: apresenta textos sobre situações vividas por brasileiros, demonstrando a condição de cidadão, seus direitos e deveres.

Trabalho e Qualidade de Vida: mostra condições de trabalho e a influência deste na qualidade de vida do brasileiro.

Linguagens: trata da língua portuguesa em textos poéticos e publicitários.

O material não se prende ao ensino da gramática, seu foco está em textos autênticos, retirados de jornais, livros e revistas, visando facilitar a autonomia do professor para utilizá-lo, já que permite que este aborde outras questões referentes à linguagem que não estejam aqui inseridas.

Dentro dos capítulos acima referidos, há subseções que privilegiam, principalmente, as habilidades de escrita e oralidade. São elas:

Traçando linhas: atividades de produção escrita.

Trocando ideias: situações que possibilitam debates entre os alunos.

Soltando o verbo: atividades de desenvolvimento da oralidade.

Só rindo: apresenta textos lúdicos.

Linha extra: uma atividade desenvolvida para o encerramento das unidades e que apresenta uma atividade de áudio denominada **última chamada**.

As Unidades Fraseológicas

As **unidades fraseológicas** não são contempladas neste material. Há apenas uma breve menção às **expressões idiomáticas** em uma das seções intitulada *só rindo* (**pag. 62**). São expressões que utilizam o termo cachorro/cão:

Vida de cão,

Bom pra cachorro,

Ruim pra cachorro.

No entanto, não há qualquer explicação sobre estas expressões. Elas são apenas citadas e sugeridas para a criação de um texto que deve partir de uma imagem de um cãozinho dirigindo um carro. Porém, por ser um material destinado ao nível intermediário, as UF são abordadas em um nível de criação/uso e não mais apenas apresentação.

4.1.6 Tudo bem? Português para a nova geração

Tudo bem? Português para a nova geração (Ponce, Burim & Florissi, 2008), destinado a jovens a partir de 11 anos traz na apresentação que seu objetivo é a “comunicação natural e espontânea”, apresentando “expressões coloquiais úteis ao dia-a-dia, vocabulário e as estruturas básicas da língua.”

O livro está organizado em 10 unidades, intituladas: bons amigos, a família, meu dia-a-dia, lar doce lar, a escola moderna, hora de diversão, hoje é um dia especial, o meio ambiente – papo careta ou papo cabeça?, música e férias.

As unidades se encontram divididas em seções:

Aprenda: apresenta um diálogo que pode ser utilizado em situações do cotidiano, tais como cumprimentos, horas, compras, etc.

Enfoque: traz conteúdos gramaticais com explicações e exercícios.

Solte a língua: trata da diferença na pronúncia de fonemas semelhantes.

O que é, o que é? e **Piadas:** trazem um conteúdo mais lúdico (adivinhações e piadas)

Você sabia que...? apresenta curiosidades culturais ou sobre acontecimentos no Brasil.

Conectando-se: indica *sites* onde o aluno pode encontrar informações úteis e interessantes sobre a língua e os costumes do brasileiro.

Psiu: apresenta curiosidades sobre a língua e permite um conhecimento a mais sobre o vocabulário da língua.

Música: apresenta alguma canção da Música Popular Brasileira (MPB).

No final, encontra-se ainda uma lista de verbos conjugados e exercícios especiais que reforçam os conteúdos das unidades.

As Unidades Fraseológicas

Este livro apresenta as quatro categorias estabelecidas: colocação, provérbio, expressões idiomáticas e fórmulas de rotina.

As autoras apresentam na unidade primeira **fórmulas de rotina (pag. 2)**, inseridas em diálogos para serem ouvidos. Por exemplo:

Até mais tarde!

Até mais!

Até breve!

Até logo!

Na unidade seguinte, há uma lista de expressões, **colocações (pag. 17)**, com a palavra hora:

Estar na hora;

Perder a hora;

Não ver a hora.

Alguns **provérbios (pag. 28 e 112)** para discussão entre os alunos se estes concordam ou não com eles, servindo como base para uma atividade oral.

Tal pai, tal filho.

Filho de peixe, peixinho é.

Pai guardador, filho gastador.

Pai rico, filho nobre, neto pobre.

Na unidade 8, mais provérbios são apresentados para que os alunos criem histórias cuja moral seja o provérbio em questão. Ao final do livro, em um tópico intitulado Você sabia que...? uma **expressão idiomática (pag.143)**, lágrima de crocodilo, é explicada em seu sentido literal e figurado.

Fórmulas de rotina, colocações e expressões idiomáticas são apenas apresentadas, estando, portanto, no primeiro nível. Os provérbios se apresentam em um nível de criação/uso, sendo mais avançado.

Passemos ao material seguinte:

4.1.7 Bem-vindo!

Bem-Vindo! (Ponce, Burim e Florissi, 2009), Já na apresentação, as autoras dizem que o foco central do livro é a COMUNICAÇÃO. A proposta é ensinar o português “como ele é”, como as expressões coloquiais e um “*pouco* de história, cultura e sociedade brasileiras.” (*grifo nosso*)

Com base na apresentação das autoras, mais uma vez, vê-se língua dissociada de cultura, uma vez que esta surge como um elemento à parte, junto à história e à sociedade.

O livro que abrange do nível básico ao avançado apresenta uma proposta de ensino de português no mundo da comunicação. Divide-se em 20 unidades que formam 5 grupos com 4 unidades cada. São eles: eu e você; o Brasil e sua língua; a sociedade e sua organização; o trabalho e suas características; diversão e cultura.

As unidades dos dois primeiros grupos são subdivididas em 5 itens:

Aprenda: Propõe o ensino de algo novo, seja de vocabulário ou como agir em determinada situação.

Estudo de: contempla o ensino de itens gramaticais.

Enfoque: continua o estudo da gramática.

Psiu: traz curiosidades que buscam ampliar o vocabulário. Tais como cores, comidas, profissões, etc.

Gramática: apresenta mais tópicos gramaticais.

O terceiro e o quarto grupo não apresentam o item “Gramática”. Este é substituído, respectivamente, por:

História do Brasil: Onde a história do país é contada em textos desde o descobrimento à atualidade.

Amplie seu vocabulário: neste tópico, são tratadas as especificidades de correspondências e documentos diversos.

As unidades que compõem o segundo grupo, por estarem voltadas ao nível avançado substituem os dois primeiros itens por:

Curiosidades: informações sobre a língua portuguesa no Brasil e no mundo.

Gente e cultura brasileira: onde se apresentam personalidades típicas brasileiras, literatura e música.

Apêndices com itens gramaticais e de vocabulário são apresentados no final do livro.

As Unidades Fraseológicas

As UF, neste livro, são representadas por **fórmulas de rotina (pag. 1)**, presentes logo na primeira página, em uma atividade auditiva, onde se ouvem formas de cumprimento.

Boa tarde!

Olá! Como vai?

Muito prazer!

Expressões idiomáticas (pag. 48 e 55), **provérbios (pag. 193 a 199)** e **colocações (pag. 97 a 99)** também aparecem, literalmente, no livro. Elas são apenas citadas em listas na sessão **Psiu!**, como meras curiosidades da língua, sem qualquer inserção em comunicação efetiva. Eis os exemplos:

EXPRESSÕES POPULARES

ANDAR NA LINHA
 BATER PAPO
 CAIR DO CAVALO
 CARA DE PAU
 DAR O CANO
 ESTAR COM DOR-DE-COTOVELO
 FICAR DE CARA AMARRADA
 LEVAR CHÁ DE CADEIRA
 PISAR EM OVOS...



psiú!

EXPRESSÕES (1) 

FAZER


- ANOS
- AS MALAS
- BEM
- CERIMÔNIA
- COMENTÁRIOS
- EXCEÇÃO
- FILA
- MAL
- QUESTÃO...




psiú!

PROVÉRBIOS (2)

A CAVALO DADO NÃO SE OLHAM OS DENTES (OU A IDADE).
 ALEGRIA DE POBRE DURA POUCO.
 CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU.
 DE GRÃO EM GRÃO, A GALINHA ENCHE O PAPO.
 ERRANDO É QUE SE APRENDE.



psiú!



194

cento e noventa e quatro

4.1.8 Avenida Brasil

O livro de Emma Eberlein Lima e outros quatro autores teve sua primeira edição em 1991. Analisamos, no entanto, sua 13ª reimpressão de 2009.

Destina-se a adolescentes e adultos apresentando um nível básico da língua. De acordo com os autores, está voltado a estrangeiros “que queiram aprender Português para poderem comunicar-se com os brasileiros e participar de sua vida cotidiana.”

O método proposto é o comunicativo, porém com foco na estrutura da língua que é requisito fundamental a ser estudado com o objetivo maior de levar o aluno a compreender e falar a língua portuguesa.

O livro divide-se em 12 lições, subdivididas em

Temas: item no qual se abordam diferentes situações do cotidiano, como a ida a um restaurante.

Comunicação: na qual são abordadas situações de comunicação oral, como apresentar-se, pedir informação.

Gramática: onde são tratados os conteúdos gramaticais.

No final, há um espaço dedicado à fonética, à gramática e um vocabulário alfabético.

As UF não são contempladas neste material. Há, na primeira lição, algumas fórmulas de rotina. Presença que se justifica por ser o livro destinado ao nível básico. Todavia, nas 12 lições do livro não encontramos qualquer menção ou tratamento a alguma outra categoria de UF definida nesta pesquisa.

4.1.9 Falando, lendo, escrevendo português do Brasil

O livro de Emma Eberlein Lima e Samira Iunes, editado em 1981, destina-se ao nível básico para estudantes do nível do Ensino médio. Na introdução, as autoras afirmam que utilizam um “método ativo e situacional, para a aprendizagem da língua portuguesa, visando à compreensão e expressão oral e escrita, em nível de linguagem coloquial.”

Dividido em 18 unidades, subdivididas em seções que se iniciam sempre com um diálogo, seguida de conteúdo gramatical. Ao final de cada unidade, são apresentados textos narrativos e questões de interpretação.

A seção **contexto** apresenta um texto autêntico, com fonte, sobre o qual se fazem perguntas.

A seção **intervalo**, como o nome sugere, traz curiosidades, coisas amenas como músicas, expressões idiomáticas e provérbios.

Todas as categorias de UF aqui definidas são também contempladas neste LD. As **fórmulas de rotina** são as primeiras, visto que o livro destina-se ao nível básico. Elas aparecem na primeira página, inseridas em um diálogo. No entanto, não são as únicas.

No decorrer do livro são abordadas:

Colocações (p. 166 e 167): seguidas do contexto de uso.

Ex: morrer de rir, morrer de inveja, fazer as malas, fazer aniversário.

Expressões idiomáticas (p. 79): apresentam-se frases com expressões idiomáticas seguidas de um exercício de completar os espaços a partir de situações dadas.

Ex: Ela não para de falar. Ela fala pelos cotovelos.

Nas páginas 182, 183, 184 são apresentadas na seção **Intervalo** junto a exemplos e desenhos.

Ex: ficar de cara amarrada, pisar em ovos, bater papo.

Provérbios (p. 258): estão também na seção Intervalo. São meramente apresentados com figuras de interpretação literal.

Ex: pelo dedo se conhece o gigante; um dia é da caça, o outro do caçador; quem não tem cão, caça com gato.

Embora as colocações e os provérbios figurem como meras curiosidades, há, neste material, um trabalho desenvolvido com as expressões idiomáticas, já que estas apresentam atividades.

Após o levantamento dos dados e a análise das atividades, percebemos que as UF estão presentes nos LDs. No entanto, considerando a proposta dos autores de permitir ao falante um aprendizado rápido da língua portuguesa na variante brasileira, com o conhecimento da cultura e da história do país, o tratamento dispensado a estes elementos ainda não corresponde às expectativas, uma vez que estes são uma forte representação cultural do idioma, mas são tratados, nos materiais analisados, de maneira superficial.

Sintetizamos, na tabela abaixo, as unidades fraseológicas presentes nos materiais analisados:

Tabela 2 – As unidades fraseológicas nos livros analisados.

	Expressões Idiomáticas	Provérbios	Colocações	Fórmulas de Rotina
Estação Brasil	X			
Diálogo Brasil				X
Português Básico para Estrangeiros	X	X	X	X
Tudo Bem?	X	X	X	X
Aprendendo Português do Brasil	X		X	X
Sempre Amigos	X			X
Bem vindo!	X	X	X	X
Avenida Brasil				X
Falando, lendo, escrevendo Português	X	X	X	X

A tabela acima nos revela a presença das categorias de UF nos LDs analisados. As expressões idiomáticas e as fórmulas de rotina são as que mais apresentam atividades. As EIs estão em sete dos nove livros analisados, as FR, em oito deles. Os provérbios e as colocações, por sua vez, não recebem tratamento em quatro e três materiais, respectivamente. A seguir,

veremos como estas UF estão sendo tratadas nestes materiais a partir da análise das atividades propostas.

4.2 O tratamento da UF

Observando o exposto, vemos que as UF estão presentes nos materiais didáticos analisados. Porém, alguns questionamentos devem ser feitos com relação a esta abordagem.

Como as UF estão sendo tratadas nestes materiais?

Há, nos LDs, atividades que contribuem para a aprendizagem das UF por parte dos falantes?

Que atividades são propostas para a aprendizagem das UF?

Para responder a estas perguntas, analisamos as questões propostas nos livros analisados, relacionadas às UF. As atividades encontradas visam à apresentação das UF, seu uso e produção com elas para que haja memorização. Os tipos de atividades encontradas são apresentados no quadro a seguir:

Tabela 3 – Atividades com as unidades fraseológicas.

TIPOS DE ATIVIDADES	QUANTIDADE
Lista	12
Lista + contexto de uso (Fórmulas de rotina)	9
Lista + contexto de uso + sentido (Expressões idiomáticas e colocações)	2
Base para atividade escrita	4
Textos com presença de UF	5
Atividades de relacionar	3
Texto explicativo sobre as UF (origem – contraste)	2
Base para atividade oral	1
TOTAL	38

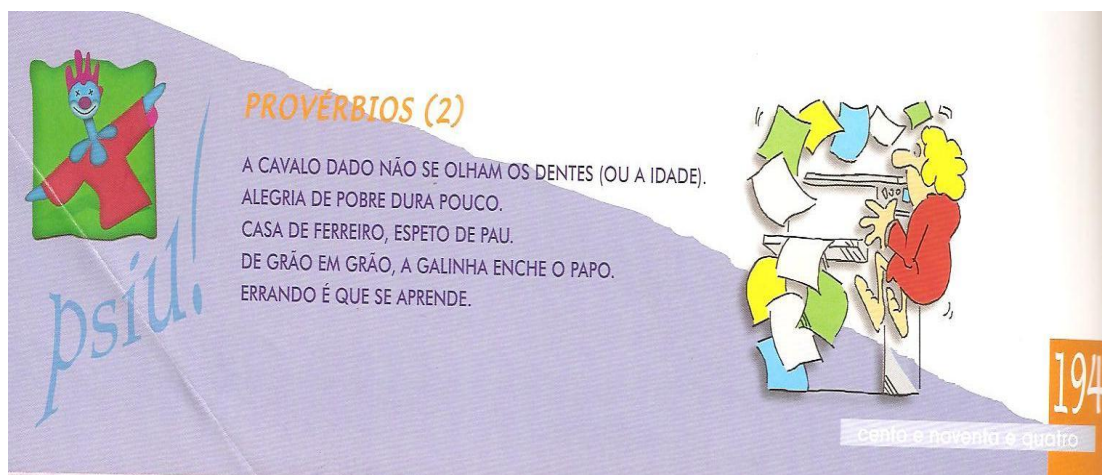
- **Listas**

Analisando as “atividades” propostas, constatamos que o maior número de destas referentes às UF é de mera lista. Nelas são apresentadas várias expressões (provérbios, expressões idiomáticas, colocações), sem qualquer atividade ou reflexão sobre elas. As UF são apresentadas como curiosidades linguísticas.

Identificamos, no entanto, três tipos de listas: a simples apresentação das UF; lista seguida de contexto de uso – comum nas fórmulas de rotina - ; lista seguida de contexto de uso mais exemplos.

Este tipo de atividade demonstra a existência das UF na língua, todavia não contribui para o aprendizado destas por parte dos falantes. Não há, junto a estas listas, atividades, situações que levem o aluno a internalizar a UF ou mesmo perceber em que contexto elas podem ser utilizadas.

Abaixo, um exemplo de como os provérbios são apresentados em um dos livros analisados, uma listagem sem qualquer contextualização.



Bem-vindo!

- **Base para atividade escrita**

Dentre as atividades encontradas, há aquelas nas quais as UF são utilizadas como pretexto para atividades escritas, especialmente a narração. Nestas atividades, predominam os provérbios. As atividades propostas centram-se na característica apresentada por eles de serem textos autônomos que trazem uma moral ou ensinamento. Com base nesta característica, os alunos são convidados a produzirem textos que tragam esta moral.

Abaixo, um exemplo destas atividades:

EXERCÍCIO 18. Em grupos, e de acordo com os Provérbios, remeta-se ao passado e refira-se ao presente, comentando situações que tenham relação com os Provérbios indicados. Veja o exemplo:

Casa de ferreiro, espeto de pau.

"Meu avô era marceneiro, mas as portas e janelas da casa dele viviam emperrando. E minha avó ficava sempre pedindo pra ele fazer algumas prateleiras para a lavanderia. Um dia, ele se enfezou, foi à loja e comprou prateleiras de ferro prontas."

"Minha mãe é professora de inglês, mas meu pai faz aulas de inglês particulares numa escola. Ele disse que, com minha mãe, não dá pra ter aulas, não!"

Quem tem pressa come cru.

Quem avisa amigo é.

Não adianta chorar o leite derramado.

A cavalo dado não se olham os dentes.

A união faz a força.

Tudo bem!

- **Base para atividade oral**

Nos materiais analisados, encontramos apenas uma atividade na qual os provérbios são assunto para discussão oral entre os alunos. São apresentados provérbios antônimos para que se discuta com qual há concordância por parte dos alunos.

Você conhece estes provérbios?

Você concorda ou discorda deles? Discuta com seus colegas.

1. *Tal pai, tal filho.* ou *Filho de peixe, peixinho é.*

2. *Pai guardador, filho gastador.* ou
Pai rico, filho nobre, neto pobre.

Tudo bem!

Esta atividade se insere no nível mais elevado de uso/compreensão e memorização.

- **Diversos textos com UF**

Outro tipo de abordagem das UF acontece quando são apresentados textos nos quais aparecem UF. Encontramos ainda textos explicativos sobre alguns tipos de UF. Em alguns casos são propostas atividades sobre os textos nas quais se pede que os alunos identifiquem o significado das expressões.

Abaixo, um exemplo de texto contendo EIs:

De cabeça quente...

Patrícia: — Pra mim chega, Flávia! Acho que o meu namoro com o Júlio *vai acabar indo por água abaixo*.

Flávia: — Calma, Patrícia! *Perder a cabeça* não leva a nada.

Patrícia: — É?! É porque você não tem que agüentar aquele cara. Imagine só: ele marcou um encontro comigo, mas me *deu um bolo*. Sabe, ele *vive no mundo da lua*. Só pensa nesse emprego que arranjou...

Flávia: — Mas antes você vivia reclamando que o Júlio *estava sempre duro*, que ele *vivia de paço pro ar*... Agora vocês não têm mais problemas.

Patrícia: — Mas não é isso! Ultimamente, eu tenho andado *com a pulga atrás da orelha*. Liguei pra ele ontem, mas ele não *dizia coisa com coisa*. Hoje de manhã, me falou que *estava de ressaca*, porque tinha ido a um churrasco com uns amigos...

Flávia: — Você está com *dor de cotovelo*... Não seja boba, o Júlio te adora! *Bata um paço* com ele que tudo se esclarece. Quem sabe assim você não deixa de lado essa insegurança?

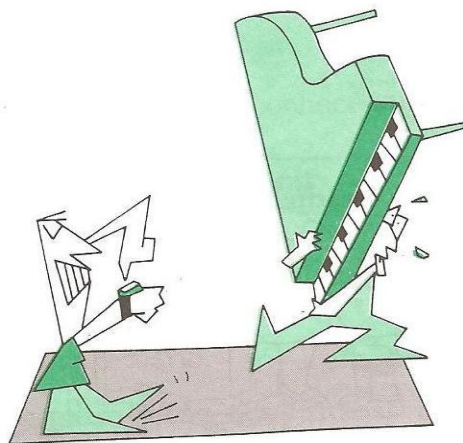
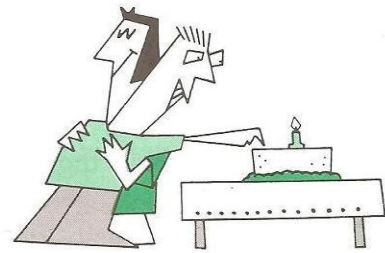
1) Explique cada uma das expressões grifadas no texto acima.

• **Atividades de relacionar e completar espaços**

Nos materiais analisados, encontramos ainda atividades de relacionar UF a seus significados ou de completar espaços a partir de seus contextos de uso. São exemplos:

1) Faça a associação adequada:
O que se diz quando se...

- (1) encontra um amigo
- (2) conhece alguém
- (3) despede de alguém
- (4) agradece
- (5) chega atrasado
- (6) cumprimenta pelo aniversário
- (7) responde a um agradecimento
- (8) saúda pela manhã
- (9) despede no fim de semana
- (10) faz um pedido qualquer



- () Até logo.
- () Desculpe.
- () Adeus!
- () Bom fim de semana!
- () Muito prazer!
- () Por favor.
- () Meus parabéns!
- () Como vai?
- () (Muito) obrigado (a).
- () Oi, tudo bem?
- () Não tem de quê.
- () Bom-dia!
- () De nada.
- () Olá!

2) Complete as frases abaixo, utilizando as seguintes expressões:

sem tirar nem pôr

dar com o nariz na porta

dar com a língua nos dentes

dar o golpe do baú

não atar nem desatar

entrar numa fria

pôr as cartas na mesa

tirar de letra

- a) Maria _____ ontem. Falou tudo o que pensava sobre esse assunto.
- b) Eu _____: o carro que comprei estava com defeito.
- c) Manuel _____. Casou-se com a filha do homem mais rico da cidade.
- d) Aquele rapaz é muito inteligente. _____ todos os testes.
- e) O rapaz _____: contou tudo à polícia.
- f) Fui à casa dela, mas _____. Ela já tinha saído.
- g) Flávio _____. Até hoje não resolveu se compra ou não o apartamento.
- h) Ele é idêntico ao pai, _____.

4.3 Ensino das UF

Criar uma unidade de ensino das UF não é uma tarefa fácil. As UF sempre foram relegadas a segundo plano no ensino e seu tratamento em livros didáticos se dá de forma elementar. Isso se deve ao fato de que estas expressões não seguem regras de criação ou de uso.

Propor um ensino sistematizado destes elementos tem sido um desafio que se apresenta aos autores de materiais didáticos, especialmente, os de língua estrangeira.

Inicialmente, para que haja um tratamento adequado das UF, é necessário que se tenha conhecimento de que estas unidades não são combinações livres de palavras. Elas estão ligadas, muitas vezes, de forma arbitrária, o que dificulta a elaboração de atividades.

No entanto, as UF são constantemente utilizadas, seja na linguagem escrita ou na oralidade, por falantes nativos da língua, fator que pode ser considerado para seu ensino.

Outro elemento que devemos considerar é a forte ligação destas expressões com a cultura da comunidade de fala. Embora alguns provérbios ou expressões idiomáticas apresentem equivalentes em muitas línguas, um grande número destes é peculiar à língua na qual são utilizados.

Há que se considerar ainda o nível de ensino a que se destina a unidade, se os estudantes não possuem conhecimento nenhum da língua em estudo ou se já o possuem, estando assim em um nível mais avançado da língua.

Todos esses fatores precisam ser levados em consideração quando da criação de atividades que visem ao ensino destas unidades. Eles precisam estar em sintonia, o que torna realmente uma tarefa difícil.

Então, devem ser criadas propostas e maneiras de se ensinar as UF de forma a apresentar, sistematizar e utilizar essas expressões no uso da língua para uma comunicação efetiva.

4.4 Propostas

Acreditamos que as UF precisam ser apresentadas aos estudantes de língua portuguesa, falantes não nativos, desde o início do ensino, do nível básico ao avançado.

As atividades encontradas nos livros didáticos analisados nesta pesquisa são adequadas para a apresentação destas unidades aos alunos. As atividades realizadas podem e devem ser feitas para inseri-las no vocabulário dos estudantes.

No entanto, o que mais precisa ser feito para que elas sejam utilizadas por estes alunos e façam parte efetivamente do léxico destes?

Uma forma de estudo das UF no decorrer do ensino de português para estrangeiros é o uso de textos autênticos nos quais estas expressões sejam utilizadas. A partir da leitura destes textos, estas expressões podem ser exploradas de melhor forma em sua relação com a cultura, em situações de uso real por falantes nativos.

Textos escritos como textos jornalísticos: artigos, notícias, anúncios são ricos em UF e poderiam ser uma rica fonte a ser explorada no ensino destas unidades.

Abaixo, algumas propostas de exercícios:

1. Relacione as expressões idiomáticas ao significado real delas.

(1) engolir sapos

(2) pisar em ovos

(3) pagar o pato

(4) descascar abacaxi

(5) pegar com a boca na botija

() levar a culpa por algo que não fez.

() resolver um grande problema.

() aceitar ofensa/desaforo calado.

() agir com calma/ andar devagar.

() pegar alguém em flagrante fazendo algo errado.

2. Observe os provérbios abaixo e relacione-os às situações em que eles podem ser utilizados.

Filho de peixe, peixinho é – Quem tudo quer tudo perde –
De grão e grão a galinha enche o papo – Em casa de ferreiro, espeto de
pau – Quem avisa amigo é.

1. João trabalha consertando computadores, mas há um mês seu filho está com o computador quebrado e ele não conserta.

2. Rosana desejava passar no vestibular, mas ia todos os dias a festas. Seus pais a aconselhavam que deveria estudar mais. Ela não passou no vestibular.

3. José trabalhou durante anos. Todos os meses, ele guardava 10% de seu salário até que comprou sua tão sonhada casa.

4. O pai de Marcos é uma pessoa arrogante e antipática, Marcos não tem amigos e afasta de si todas as pessoas.

5. Juliana tinha um bom emprego, mas não estava satisfeita. Conseguiu outro. No entanto, não largou o primeiro para conseguir mais dinheiro. Não foi eficiente em nenhum e perdeu os dois.

3. Observe a história abaixo:

Esta história foi extraída do livro de 1912 “A História do Futebol em Uberaba”. Lá consta que o Coronel Tomás de Aquino Cunha Campos, um dos primeiros presidentes do Uberaba Sport Club, já estava com 87 anos e resolveu se casar com uma menina de 14, virgem. Toda a família foi contra. Até um padre (que depois colaboraria com o livro, um certo Vigário Silva) foi conversar com o Coronel Cunha Campos e disse que duvidava da capacidade do militar de levar a bom proveito a lua-de-mel. E ouviu esta frase dele:

- Padre, água mole em pedra dura tanto bate até que fura!

O vigário entendeu. Dois anos depois nascia o Tomasiinho. Que, aliás, foi um grande ponta-esquerda do Uberaba Sport nos anos 20, chegando até mesmo a defender a

seleção mineira em um amistoso com um time argentino. Fez dois gols. Mesmo assim os mineiros perderam.

Com base na história, explique o que você entende do provérbio destacado.

4. Trabalhar com imagens que indicam a interpretação literal das UF e pedir que os alunos as identifiquem.

5. Fazer um levantamento das UF que ouvem nas conversas do cotidiano, buscar o significado daquelas que não conhecem. (*Para alunos em contexto de imersão*)

6. Relacione as expressões ao seu possível significado. Procure justificar seu uso.

- a. Esquentar a cabeça.
- b. Abrir mão.
- c. Pegar no pé.
- d. Bater perna.
- e. Botar a boca no trombone.
- f. Com mãos de ferro.
- g. Estar com uma mão na frente e outra atrás.
- h. Dar uma mão.
- i. Custar os olhos da cara.
- j. Esticar as canelas.
- k. Mão de vaca.

() falar algo para todo mundo, denunciar.

() Morrer.

() Chatear, perseguir.

() Estar pobre, sem possuir nada.

() Ficar nervoso, com raiva.

() Andar muito, passear.

() Renunciar, esquecer.

() Algo caro.

() Com autoritarismo, com rigor.

() Tacanho, mesquinho, avarento.

() Dar uma ajuda.

7. Observe as expressões da questão anterior. Todas elas se referem a partes do corpo. Pesquise e busque outras expressões com esta característica.
8. Faça um levantamento das expressões que você ouve no dia-a-dia. Organize uma lista com estas expressões e depois as divida em grupos.
 - a) Que cite partes do corpo.
 - b) Que se refiram a animais.
 - c) Que se refiram à comida.Crie outros grupos que julgue necessário.
9. Que expressão você usaria para:
 - a) Definir uma pessoa sem atitude, que se deixa levar pela opinião de terceiros.
 - b) Definir uma pessoa chata, insuportável, irritante.
 - c) Referir-se a uma situação na qual você não devolveu um desaforo.
 - d) Referir-se a uma situação em que você tem de resolver um grande problema.

Engolir sapos – mala sem alça – Maria vai com as outras – Descascar abacaxis.

10. Organize um pequeno glossário com as expressões estudadas (provérbios, expressões idiomáticas, colocações, fórmulas de rotina). Organize uma mostra cultural com estas expressões, relacionando-as a imagens e traçando um paralelo com a cultura do país que a utiliza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença das unidades fraseológicas nas línguas naturais é indiscutível, no entanto, o tratamento destas expressões no ensino de línguas é algo a ser repensado. Neste trabalho, verificamos a presença das UF em um dos materiais didáticos que servem de parâmetro aos professores, o livro didático.

As unidades fraseológicas são elementos de fundamental importância no aprendizado de uma língua estrangeira, visto que não são estudadas por um falante nativo, mas são bastante utilizadas por estes, pois eles aprendem no dia-a-dia. Assim, ao entrar em contato com uma língua estrangeira, é necessário ter conhecimento dessas expressões para que haja sucesso na comunicação e o falante não nativo não seja classificado como ingênuo.

Durante anos, as expressões pré-estabelecidas figuraram à margem do ensino de línguas como “muletas de preguiçosos”. As UF foram sempre consideradas elementos que empobreciam os textos.

Na contramão dessa ideia, os falantes das línguas naturais seguiram fazendo uso, cada vez mais, de expressões idiomáticas, frases feitas, ditos populares e similares para expressarem seus sentimentos e dar ênfase à sua fala. Porém o uso cotidiano das UF pelos falantes nativos não foi suficiente para que elas figurassem no ensino de línguas por longos anos.

Tendo conhecimento de que as UF são utilizadas constantemente e que não seguem regras de produção tendo em vista suas características de idiomaticidade, ou seja, possuem um sentido diferente da soma de seus elementos, e fixação, o que significa que são utilizadas sempre da mesma forma, permitindo leves alterações, analisamos nesta dissertação as propostas de ensino para estas expressões do português a falantes de outras línguas.

Após a análise de 9 livros didáticos voltados para este fim, constatamos que os livros didáticos estão abordando as UF, ainda que de forma tímida. Muitas das expressões que aparecem nos livros analisados estão como mera curiosidade da língua, em listas, como forma de se evidenciar que são utilizadas, sem uma maior preocupação sobre a forma de uso, a relação com a cultura ou a importância de seu uso.

Verificamos se o ensino das UF proposto nesses materiais contemplava as etapas de apresentação, memorização e uso. Concluimos que estas etapas foram contempladas em maior ou menor quantidade. A etapa mais presente nos livros analisados foi a de apresentação. Acreditamos que o destaque a esta etapa deva-se ao fato de que a maior parte destes materiais dirige-se ao nível básico e apresenta menos dificuldade na abordagem.

Embora as UF estejam presentes na maioria dos materiais, elas não estão recebendo um tratamento didático específico para sua memorização e uso.

Encontramos, em uma minoria, alguns materiais nos quais as UF estão presentes com uma clara preocupação em seu aprendizado. Estes materiais, além de apresentar as UF, propõem atividades para sua assimilação e até textos que explicam suas origens.

Sintetizando, voltemos às perguntas de pesquisa:

- ✓ Que atividades são realizadas com relação às UF?
- ✓ Em que nível estas atividades se inserem?
- ✓ As atividades propostas contribuem para a aprendizagem das UF por parte dos alunos?

As atividades realizadas são basicamente listas de UF. Algumas atividades de relacionar e outras que apresentam UF como base para produção oral e escrita.

Dos níveis propostos, o que mais apresenta atividades é o nível básico que corresponde à apresentação das UF aos estudantes.

Concluimos que as atividades, em sua maioria, não contribuem para a aquisição das UF por parte dos estudantes, já que não há um tratamento didático para isso no qual as UF sejam exploradas e consideradas em seu contexto de uso.

Sabemos que muito ainda há de ser feito para que as UF figurem nos materiais didáticos como elementos essenciais à comunicação, entretanto, a presença destas, mesmo que de forma introdutória, é um passo importante para que sejam abordadas e trabalhadas em sua real importância no ensino e no aprendizado de línguas.

Conscientes de que este trabalho não esgota o assunto, propomos trabalhos que revejam a classificação fraseológica; tratem da presença das unidades fraseológicas no ensino de línguas, seu tratamento em outros materiais didáticos, bem como a importância destas para

o desenvolvimento da competência discursiva, no âmbito da escrita e da oralidade. Trabalhos desta natureza são necessários para que se mostre o valor que estas expressões possuem.

Encontrar as UF no ensino de línguas é como *procurar agulha no palheiro*. Ensiná-las pode parecer *estar em um mato sem cachorro* ou, para muitos, *dar murro em ponta de faca*. Usá-las é, em alguns momentos, *uma mão na roda*, pois há coisas que as unidades livres composicionais não abarcam e só uma UF pode traduzir a ideia que o falante deseja expressar.

Então, há que se *chutar o balde*, pois ensinar as UF não é um *bicho de sete cabeças*. Há que se *meter a cara*, sem ficar *com um pé atrás*, *arregaçar as mangas* e *botar pra quebrar*. Afinal, *água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Ed. 4. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- _____. **O ensino de português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino**. Universidade de Brasília. Disponível em: www.estacaodaluz.org.br. Acesso em 19 fev. 2009.
- ALVARADO ORTEGA, M. B. **Las fórmulas rutinarias en el español actual**. 2008. 441f. Tese (Doutorado em Letras). Universidad de Alicante, Alicante, 2008.
- BIZON, A.C; FONTÃO, E. **Estação Brasil**. Campinas: Átomo, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação, secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2012, Língua Estrangeira Moderna**. Brasília, 2011.
- CONSELHO DE EUROPA. **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino e avaliação**. Asa Editores, 2001. Disponível em: http://www.dgicd.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/724/Quadro_Europeu_total.pdf. Acesso em 20 abr. 2009.
- CASARES, J. **Introducción a la Lexicografía Moderna**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Lingüísticas, 1950.
- CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996
- COSERIU, E. **Lecciones de Lingüística General**. Madrid: Gredos, 1981.
- DINIZ, L. R. A.; STRADIOTTI, L. M.; SCARAMUCCI, M. V. R. Uma análise panorâmica de livros didáticos de português do Brasil para falantes de outras línguas. In: DIAS, R; CRISTOVÃO, V. L. L. (Org.). **Livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009
- ERES FERNÁNDEZ, G. *et al.* **Expresiones idiomáticas: valores y usos**. São Paulo: Ática, 2004.
- FILLMORE, C. J. "Innocence: a Second Idealization for Linguistics." In: **Berkeley Linguistic Society**. 5, 1979.
- FIRTH, J. R. **Papers in linguistics 1934-1951**. London: Oxford University Press, 1957.
- FLORY, E. V. & SOUZA, M. T. C. C de. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. **Revista Intercâmbio**. V. XIX: p. 23-40. São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/2_Elisabete_MThereza_1.pdf. Acesso em 08 jan. 2010.
- FONTÃO, E; COUDRY, P. **Sempre amigos**. Campinas, SP: Pontes, 2000.

FONTES, S. M. Um lugar para a cultura. In: CUNHA, M. J. C.; SANTOS, P. **Tópicos em português língua estrangeira**. (Org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

FULGÊNCIO, L. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. 2008. 508 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GLENK, E. Fórmulas de rotina: uma porta de entrada para padrões interacionais. In: **Pandemonium germanicum**. pp. 189-214, Nov. 2007. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandemoniumgermanicum/site/images/pdf/ed2007/13_EvaGlenk.pdf. Acesso em 20 jan. 2011.

GONZÁLEZ-REY, Isabel. **La didactique du français idiomatique**. Fernelmont: E.M.E., 2007.

GUIMARÃES, E. *et al.* **Os falantes e as línguas: multilinguismo e ensino**. São Paulo: Cefiel/IEL/UNICAMP, 2008.

JORGE, G. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. In: **Polifonia**. Lisboa: Edições Colibri, n.º 4, 2001, pp. 215-222. Disponível em: http://www.fl.ul.pt/unil/pol4/ mesa_txt5.pdf. Acesso em 12 set. 2009.

_____. Reflexões em torno da tradutologia das construções fraseológicas na perspectiva interlínguas. In: **Polifonia**. Lisboa: Edições Colibri, n.º 1, 1997, pp. 33-43. Disponível em: http://www.fl.ul.pt/unil/pol1/pol1_txt4.pdf. Acesso em 09 fev 2011.

KRAMSCH, C. **The cultural component of language teaching**. 1996. disponível em: http://www.spz.tu-rmstadt.de/projekt_ejournal/jg_01_2/beitrag/kramsch2.htm. Acesso em: 05 ago. 2010.

LARAIA, R. B. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LAROCA, M. N. C.; BARA, N.; PEREIRA, S. M. C. **Aprendendo português do Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

LIMA, E. E. O. F.; IUNES, S. A. **Falando, lendo, escrevendo português: um curso para estrangeiros**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2009.

_____; LEITE, M. R. (2003) **Diálogo Brasil**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

_____. *et al.* **Avenida Brasil**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2009.

MARCUSCHI, L. A. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: **Veredas**: revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora: Editora Ufjf. V. 6, n. 1, pp. 43-62, jan/jun. 2002.

MATTES, M.; THEOBALD, P. (Org.). **Ensino de línguas**: questões práticas e teóricas. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MENA MARTÍNEZ, F; FERNÁNDEZ TOLEDO, P. Aspectos socioculturales en la fraseología de la lengua inglesa: perspectivas de estudio. In: **miscelánea**: a journal of english and american studies. 2003. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1037451>. Acesso em: 20 dez. 2010.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Gastronomismos fraseológicos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In ORTIZ, Maria Luisa Alvarez & HUELVA, Henrike Unterbäumen. (orgs.). **(Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. São Paulo: Pontes, 2011.

NARDI, J. B. Cultura, identidade e língua nacional no Brasil: uma utopia?. In: **Caderno de estudos da FUNESA**. Arapiraca, AL, 2002.

NOGUEIRA, L. C. R. **A presença das expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros**. 2008. 249 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

OLIVEIRA SANTOS, E. M. **Abordagem comunicativa intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas**. 2004. 440 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

OLIVEIRA SILVA, M. E. O. **Dicionários: armas de dois gumes no estudo da fraseologia. O caso das locuções**. Conferência apresentada no I Seminário Internacional de Fraseologia da Universidade de Brasília, em outubro de 2010. (No prelo).

ORTIZ ALVAREZ, M. L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba**: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. 2000. 334f. Tese (Doutorado em linguística), Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2000.

_____. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: CUNHA, M. J. C; SANTOS, P. (Org.). **Tópicos em português língua estrangeira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

_____. **A língua(gem) nossa de cada dia**: o componente fraseológico no ensino de línguas próximas (ELE E PLE). 2009. disponível em: http://www.let.unb.br/mlortiz/documentos/artigos/artigos_pdf/Minicurso_SP_2008_2.pdf Acesso em 09 abr. 2010.

PAMIES BERTRÁN, A; IÑESTA MENA, E. M. **Fraseología y metáfora**. Granada: Granada Linguística, 2002.

PEDRO, Magali de Lourdes. **As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaios**. 2007. 197 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PONCE, M. H. O. de; BURIM, S. R. B. A; FLORISSI, S. **Tudo bem?** São Paulo: SBS editora, 2008.

_____. **Bem-vindo!** São Paulo: SBS editora, 2009.

RÁDIZ BAPTISTA, L. M. T *et al.* La fraseología: entre el lenguaje real y la clase de E/LE. In: **Trabalhos de Linguística Aplicada**, 44., 2005, Campinas. p. 37-58.

RÁDIZ BAPTISTA, L. M. T. Tratándose de expresiones idiomáticas, ¡No te rompas la cabeza ni busques cinco pies al gato! In: **RedELE**, 6, 2006. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1442465> Acesso em 20 dez 2010.

RUIZ GURILLO, L. Aspectos de fraseología teórica española. In: **Cuadernos de filología**. Valencia: Universidad de Valencia, 1997.

_____. **Un enfoque didáctico de la fraseología española para extranjeros**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. 2000. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/ele/fraseolo.html> Acesso em 20 nov. 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Ed. 12. São Paulo: Cultrix. S/D.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SLADE, R. O. **Português básico para estrangeiros**. Brooklyn, New York: Mill River Press, 1993.

SUÁREZ CUADROS, S. J. La escuela soviética y sus aportaciones a la fraseología. In: **Interlingüística**, nº 17, 2007, pp. 999-1008. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2317734>. Acesso em: 13 ago. 2009.

TAGNIN, S. E. O. **Expressões Idiomáticas e convencionais**. Ática, São Paulo, 1989.

_____. **O Jeito que a Gente Diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Disal, 2005

TRISTÁ, Antonia Maria. **Fraseología y Contexto**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales. 1988.

XAVIER, A. C; CORTEZ, S. (Orgs.) **Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ZULUAGA OSPINA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt a. M., Bern, Cirencester/UK: Lang, 1980.

_____. **Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas**. PhiN, 1999. disponível em: www.phin.de Acesso em 05 fev. 2010.

ANEXOS



Expansão Vocabular



EXPRESSÕES DE CORTESIA

Agradecimentos

Agradecido(a).
De nada.
(Muito) obrigado(a).
Não tem de quê.
Não se preocupe.
Não seja por isso.

Apresentação

— Muito prazer (em conhecê-lo(a)).
— Igualmente.

Cumprimentos (Parabéns)

(Meus) parabéns.
(Muitas) felicidades.
Boa sorte.
Feliz aniversário.

Cumprimentos (Pêsames)

Meus pêsames.
Meus sentimentos.
Sinto muito.
Lamento muito.

Saudações

Até a vista.
Até amanhã.
Até já.
Até logo.
Até mais tarde.
Adeus.
Bom-dia.
Boa-noite.
Boa-tarde.
Como vai?
Oi.
Olá.
Tudo bom?
Tudo bem?

Solicitações

Com licença.
Por favor.
Por fineza.
Por gentileza.
Por obséquio.

Votos

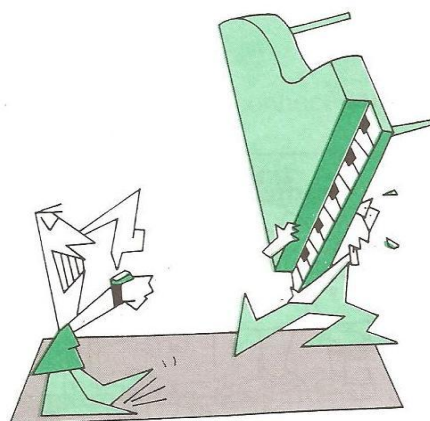
Boa sorte!
Boa viagem!
Boas férias!
Boas-festas!
Bom fim de semana!
Feliz Ano-Novo!
Feliz Natal!
Feliz Páscoa!
Tomara!

ANEXO B - Atividade de aplicação das fórmulas de rotina

Aplicação

1) Faça a associação adequada:
O que se diz quando se...

- (1) encontra um amigo
- (2) conhece alguém
- (3) despede de alguém
- (4) agradece
- (5) chega atrasado
- (6) cumprimenta pelo aniversário
- (7) responde a um agradecimento
- (8) saúda pela manhã
- (9) despede no fim de semana
- (10) faz um pedido qualquer



- () Até logo.
- () Desculpe.
- () Adeus!
- () Bom fim de semana!
- () Muito prazer!
- () Por favor.
- () Meus parabéns!
- () Como vai?
- () (Muito) obrigado (a).
- () Oi, tudo bem?
- () Não tem de quê.
- () Bom-dia!
- () De nada.
- () Olá!

ANEXO C - Lista de colocações com o verbo PEGAR

OBSERVE

Lúcia: — O que é que você tem?

Rodrigo: — Acho que **peguei uma gripe** muito forte.

PEGAR

Hoje vamos **pegar** um cinema. (= vamos ao cinema)

Vicente **pega carona** todo dia. (= vai de carona)

A mãe **pegou** o filho na escola. (= buscou)

A babá **pegou** a criança **no colo**. (= segurou)

Por favor, **pega** meu lápis que caiu. (= apanha)

O goleiro não **pegou** nenhuma bola. (= agarrou)

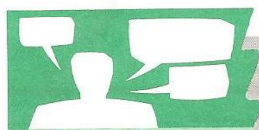
Não consegui **pegar** o início do jogo. (= assistir)

Chegar atrasado **pega mal**. (= não é conveniente)

A moda do "jeans" **pegou**. (= é um sucesso)

Carro a álcool **custa a pegar** no inverno. (= não funciona imediatamente)

ANEXO D - Lista de expressões idiomáticas



Expansão Vocabular

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Andar com a pulga atrás da orelha: estar desconfiado

Bater papo: conversar

Bater com o nariz na porta: não encontrar a pessoa no local

Bater na mesma tecla: insistir na mesma coisa

Custar os olhos da cara: ser muito caro

Dar o bolo: faltar a um compromisso

Dar com a língua nos dentes: denunciar

Dar o golpe do baiú: casar-se com pessoa rica por interesse

Dor-de-cotovelo: ciúme

Entrar em fria: envolver-se em negócio desonesto ou muito complicado

Estar duro: não ter dinheiro

Estar de fogo: estar bêbado

Estar de ressaca: estar sentindo os efeitos de uma embriaguez

Ficar de papo para o ar: ficar à-toa

Ficar de orelha em pé: estar desconfiado, alerta

Filho de peixe peixinho é: quando os atos praticados pelo filho são semelhantes aos do pai.

Não dizer coisa com coisa: falar sem nexos

Não dar o braço a torcer: não ceder de modo algum

Não atar nem desatar: não se decidir

Perder a cabeça: descontrolar-se

Pisar em ovos: ser muito cuidadoso

Pôr as cartas na mesa: esclarecer as opiniões e posições

Pôr no olho da rua: despedir, expulsar

Pôr tudo em pratos limpos: esclarecer uma situação

Saber na ponta da língua: saber perfeitamente

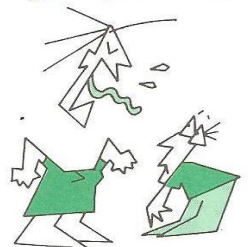
Sem tirar nem pôr: igualzinho

Ser um zero à esquerda: não ter o menor valor

Tirar de letra: conseguir resolver um problema com grande facilidade

Toucher no ponto fraco: atingir a fraqueza de alguém

Viver no mundo da lua: ser distraído



ANEXO E - Texto de aplicação das expressões idiomáticas

Aplicação

De cabeça quente...

Patrícia: — Pra mim chega, Flávia! Acho que o meu namoro com o Júlio *vai acabar indo por água abaixo*.

Flávia: — Calma, Patrícia! *Perder a cabeça* não leva a nada.

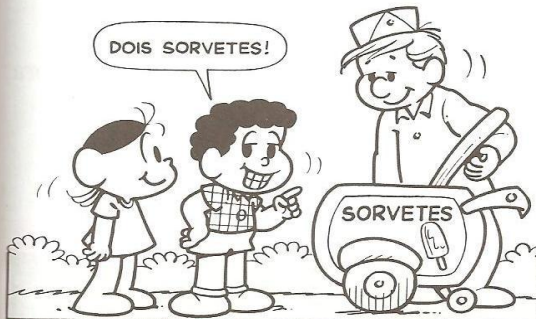
Patrícia: — É?! É porque você não tem que agüentar aquele cara. Imagine só: ele marcou um encontro comigo, mas me *deu um bolo*. Sabe, ele *vive no mundo da lua*. Só pensa nesse emprego que arranjou...

Flávia: — Mas antes você vivia reclamando que o Júlio *estava sempre duro*, que ele *vivia de paço pro ar*... Agora vocês não têm mais problemas.

Patrícia: — Mas não é isso! Ultimamente, eu tenho andado *com a pulga atrás da orelha*. Liguei pra ele ontem, mas ele não *dizia coisa com coisa*. Hoje de manhã, me falou que *estava de ressaca*, porque tinha ido a um churrasco com uns amigos...

Flávia: — Você está com *dor de cotovelo*... Não seja boba, o Júlio te adora! *Bata um paço* com ele que tudo se esclarece. Quem sabe assim você não deixa de lado essa insegurança?

- 1) Explique cada uma das expressões grifadas no texto acima.



ANEXO F - Atividade com expressões idiomáticas

2) Complete as frases abaixo, utilizando as seguintes expressões:

sem tirar nem pôr

dar com o nariz na porta

dar com a língua nos dentes

dar o golpe do baú

não atar nem desatar

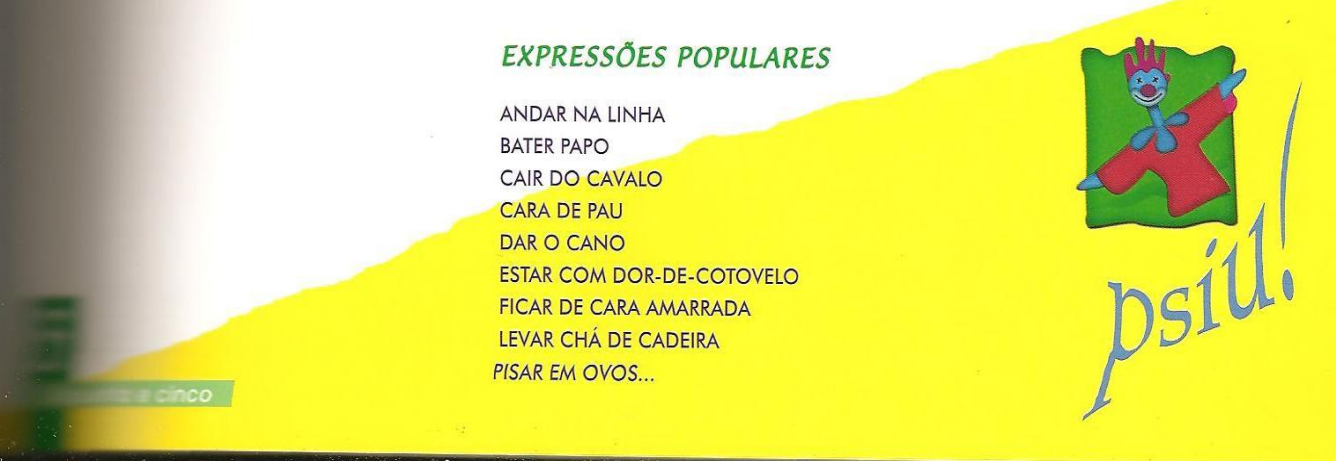
entrar numa fria

pôr as cartas na mesa

tirar de letra

- a) Maria _____ ontem. Falou tudo o que pensava sobre esse assunto.
- b) Eu _____: o carro que comprei estava com defeito.
- c) Manuel _____. Casou-se com a filha do homem mais rico da cidade.
- d) Aquele rapaz é muito inteligente. _____ todos os testes.
- e) O rapaz _____: contou tudo à polícia.
- f) Fui à casa dela, mas _____. Ela já tinha saído.
- g) Flávio _____. Até hoje não resolveu se compra ou não o apartamento.
- h) Ele é idêntico ao pai, _____.

ANEXO G - Lista de expressões idiomáticas



EXPRESSÕES POPULARES

ANDAR NA LINHA
BATER PAPO
CAIR DO CAVALO
CARA DE PAU
DAR O CANO
ESTAR COM DOR-DE-COTOVELO
FICAR DE CARA AMARRADA
LEVAR CHÁ DE CADEIRA
PISAR EM OVOS...

psiu!

ANEXO H - Lista de colocações com o verbo FAZER.



ANEXO I - Lista de colocações com o verbo TOMAR



EXPRESSÕES (2) 


T
O
M
A
R

- A LIBERDADE DE
- CAFÉ (DA MANHÃ)
- CONTA
- CUIDADO
- ÔNIBUS/TREM/METRÔ
- PARTE
- UMA MEDIDA

psiu!


noventa e

ANEXO J - Lista de colocações com o verbo DAR

EXPRESSÕES (3) 


**D
A
R**

- COM A LÍNGUA NOS DENTES
- DE CARA COM
- ESMOLA
- NO PÉ
- O BRAÇO A TORCER
- O FORA
- TRABALHO
- UM FORA
- UM JEITO...



psiu!


ANEXO K - Lista de provérbios



psiu!

PROVÉRBIOS (2)

A CAVALO DADO NÃO SE OLHAM OS DENTES (OU A IDADE).
ALEGRIA DE POBRE DURA POUCO.
CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU.
DE GRÃO EM GRÃO, A GALINHA ENCHE O PAPO.
ERRANDO É QUE SE APRENDE.



194

cento e noventa e quatro

ANEXO L - Atividade de escrita com provérbios

EXERCÍCIO 18. Em grupos, e de acordo com os Provérbios, remeta-se ao passado e refira-se ao presente, comentando situações que tenham relação com os Provérbios indicados. Veja o exemplo:

Casa de ferreiro, espeto de pau.

"Meu avô era marceneiro, mas as portas e janelas da casa dele viviam emperrando. E minha avó ficava sempre pedindo pra ele fazer algumas prateleiras para a lavanderia. Um dia, ele se enfezou, foi à loja e comprou prateleiras de ferro prontas."

"Minha mãe é professora de inglês, mas meu pai faz aulas de inglês particulares numa escola. Ele disse que, com minha mãe, não dá pra ter aulas, não!"

Quem tem pressa
come cru.

Quem avisa amigo é.

Não adianta chorar
o leite derramado.

A cavalo dado
não se olham
os dentes.

A união faz a força.

ANEXO M - Atividade oral com provérbios

Você conhece estes provérbios?

Você concorda ou discorda deles? Discuta com seus colegas.

1. *Tal pai, tal filho.* ou *Filho de peixe, peixinho é.*

2. *Pai guardador, filho gastador.* ou
Pai rico, filho nobre, neto pobre.

ANEXO N - Diálogos com fórmulas de rotina

NO JARDIM



Dona Alda: _ Oi, Pedrinho, tudo bem?
 Pedrinho: _ Tudo ótimo. E a senhora,
 Dona Alda?
 Dona Alda: _ Tudo bem, obrigada.
 Até logo.
 Pedrinho: _ Até logo.

_ Você é brasileira?
 _ Sou sim, eu sou brasileira. Você é norte-americano?
 _ Não, eu sou inglês.
 _ Ele é casado?
 _ É sim, ele é casado com Regina. Você é casado?
 _ Não, sou divorciado.
 _ Você é estudante?
 _ Sou sim, eu sou estudante de português.
 Você é estudante também?
 _ Não, eu sou professor de português.

NA ESCOLA

Professora: _ Bom dia. Eu sou Dona Regina.
 Paulo: _ Bom dia. Eu sou Paulo. Muito prazer.
 Professora: _ O prazer é meu. Eu sou professora de português.
 Paulo: _ Muito prazer, professora. Eu sou estudante de português.

NO BANCO

Senhor Carlos: _ Bom dia, Dona Ângela.
 Secretária: _ Bom dia, Sr. Carlos.
 Senhor Carlos: _ Como vai a senhora?
 Secretária: _ Muito bem, obrigada. E o senhor?
 Senhor Carlos: _ Muito bem, obrigado.



_ Oh! Sinto muito.
 Desculpe-me.
 _ Tudo bem. Não tem problema.

_ Muito obrigada.
 _ De nada.



_ Com licença, Doutor João.
 _ Pois não.

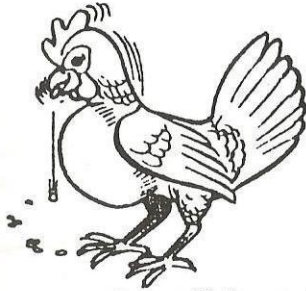
ANEXO O - Atividade de escrita com provérbios

PROVÉRBIOS

**Mais vale um pássaro
na mão do que dois voando.**



Quem ama o feio, bonito lhe parece.



De grão em grão a galinha enche o papo.

**Não chore sobre o leite derramado.
O hábito não faz o monge.**

ANEXO P - Texto explicativo sobre expressão idiomática

VOCÊ SABIA QUE...?

O crocodilo solta lágrimas. Não é fingimento, é quando tem muito sal no corpo dele. A única solução que o bichinho encontra é expulsá-lo pelos olhos, por meio das lágrimas. Mas claro que ele não está chorando! É por isso que quando uma pessoa chora de "mentira", dizemos que chora "lágrimas de crocodilo".

(revista Chiquititas - nº 17, 1998)

CENTO E QUARENTA E TRÊS

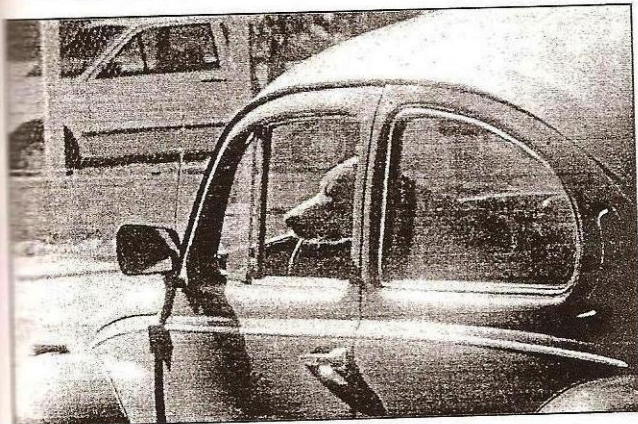
143

ANEXO Q - Lista de expressões idiomáticas

276

Papo furado	Full of hot air
De cabeça no ar	Head in the air
Estar /ficar de orelha em pé	Suspicious, alert, curious
Cabeça de vento	Airhead
Foi por água abaixo	Went down the drain
Só dá trabalho	Only makes a problem
Assim não dá	Not possible
Não dá bem com...	He/she doesn't get along with
Boa vontade	Good will
De má vontade	Unwillingly
Contra minha vontade	Against my will
Dar uma colher de chá	Give another chance
Não é da minha conta	It's not my business
Pular de alegria	Jump for joy
Dar folga	To give a break
Tirar folga	Take a day off
Ter um fraco por	Have a weakness for
Contar vantagem	To boast/to brag
Você é tora de série	You are one of a kind
Estou com vontade	I feel like
Mandachuva	Big boss
Estou brincando	I am teasing you /I am kidding
É proibido fumar	It's forbidden to smoke
É proibido entrar	It's forbidden to enter
Entre sem bater	Enter without knocking
Bata antes de entrar	Knock before entering
Onde é a saída?	Where is the exit?
Onde é a entrada?	Where is the entrance?
Onde é o banheiro?	Where is the bathroom?
Onde é o toailete?	Where is the rest room?
Entrada proibida	Entrance prohibited
Entrada gratuita	Free admission
Onde é a fila?	Where is the line?

ANEXO R - Atividade de escrita com expressões idiomáticas

Só rindo

Há muitas expressões idiomáticas que incluem as palavras cão e cachorro:

Que vida de cão!

Esta vida é boa pra cachorro!

Esta vida é ruim pra cachorro!

Assim como na foto, nem sempre há muita lógica nessas expressões. Então, mergulhe no inusitado e faça uma narrativa sobre o cãozinho do fusca.

ANEXO S - Lista de colocações

254

- ACABAR** Ele acabou de telefonar para você.
Nós acabamos de chegar e você chamou.
Ela acabou de fazer o serviço, quando o diretor chegou.
Ele acabou o namoro com a Lúcia.
Ela acabou se dando mal com chefe.
Tudo acabou bem.
- LEVAR** Não me leve a mal, é só brincadeira.
Eu gosto dele, mas ele não me leva a sério.
Elas levam tudo na brincadeira.
Ontem levei um choque com o ferro elétrico.
A menina levou um susto com o cachorro pulando atrás dela.
Eles levaram uma semana para fazer o trabalho da escola.
Ela leva 10 minutos de carro para ir de casa à escola.
- DEIXAR** Eu deixei de falar com ele depois do acidente.
Ela deixou de fumar há 1 ano.
Ele deixou de usar óculos há muito tempo.
Você deixou de procurar trabalho?
- SAIR** Ela se saiu muito bem na entrevista ontem.
Você se saiu muito bem no programa de televisão.
Ele se saiu mal na entrevista e não foi contratado.
Ela sempre se sai bem quando tem um problema.
- MORRER** Ela morreu de rir quando leu o artigo do jornal.
O diretor está morrendo de raiva hoje.
Eu morro de trabalhar e ganho tão pouco!
Hoje ele vai morrer de comer.
Todos morreram de rir quando ele calu.
Estou morrendo de fome.
Estou morrendo de sede.
Estou morrendo de cansaço.
Estou morrendo de sono.

ANEXO T - Texto com expressões idiomáticas

EXPRESSÕES E HUMOR

Valter Soares

Ficou tão emocionado com o sucesso da cirurgia que deu um **nó na garganta** e morreu asfixiado.

A **menina dos olhos** da velha se afogou nas cataratas.

É preciso **ter muito peito** para mandar reduzir os peitos.

Quem vê cara, não vê coração... ou então deve procurar uma mais barata.

O homem sem dentes defendia seus direitos com **unhas e gengivas**.

Aquele desdentado tinha muitos defeitos, mas, pelo menos, não **roía as unhas**.

Alternativa para transplante de coração: **fazer das tripas o coração**.

É preciso **ter muito saco** para aguentar um **puxa saco**.

O orador profissional não era pago à vista, porque só tinha **conversa fiada**.

Falou tanta besteira que acabou de **papo furado**.

Será que assistente de canhoto é seu **braço esquerdo**?